

ANNE KAROLINE OLIVEIRA FERREIRA DA SILVA  
CLAUDIA CILENE OLIVEIRA PORTUGUÊS DA COSTA  
CRISTIANE DE LAURA FERREIRA DOS SANTOS  
MIRIAN AUXILIADORA WERNER BASCOPE  
THAÍSSA MOURA DA SILVA FIGUEIREDO  
RHYVIANNE ALENCAR BORGES

---

**COLETÂNEA:  
ENSAIOS PARA UMA  
APRENDIZAGEM  
SIGNIFICATIVA NA  
FORMAÇÃO INICIAL**

---

ISBN-978-65-84809-38-3  
SÃO PAULO | 2022



ANNE KAROLINE OLIVEIRA FERREIRA DA SILVA  
CLAUDIA CILENE OLIVEIRA PORTUGUÊS DA COSTA  
CRISTIANE DE LAURA FERREIRA DOS SANTOS  
MIRIAN AUXILIADORA WERNER BASCOPE  
THAÍSSA MOURA DA SILVA FIGUEIREDO  
RHYVIANNE ALENCAR BORGES

---

**COLETÂNEA:  
ENSAIOS PARA UMA  
APRENDIZAGEM  
SIGNIFICATIVA NA  
FORMAÇÃO INICIAL**

---

ISBN-978-65-84809-38-3  
SÃO PAULO | 2022



**1.ª edição**

Anne Karoline Oliveira Ferreira da Silva  
Claudia Cilene Oliveira Português da Costa  
Cristiane de Laura Ferreira dos Santos  
Mirian Auxiliadora Werner Bascope  
Rhyvianne Alencar Borges  
Thaíssa Moura da Silva Figueiredo

**COLETÂNEA: ENSAIOS PARA UMA APRENDIZAGEM  
SIGNIFICATIVA NA FORMAÇÃO INICIAL**

ISBN- 978-65-84809-38-3



Anne Karoline Oliveira Ferreira da Silva  
Claudia Cilene Oliveira Português da Costa  
Cristiane de Laura Ferreira dos Santos  
Mirian Auxiliadora Werner Bascope  
Rhyvianne Alencar Borges  
Thaíssa Moura da Silva Figueiredo

**COLETÂNEA: ENSAIOS PARA UMA APRENDIZAGEM  
SIGNIFICATIVA NA FORMAÇÃO INICIAL**

ISBN- 978-65-84809-38-3

SÃO PAULO  
EDITORA ARCHE  
2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C694 Coletânea [livro eletrônico] : ensaios para uma aprendizagem significativa na formação inicial / Anne Karoline Oliveira Ferreira da Silva... [et al.]. – São Paulo, SP: Arche, 2022.  
179 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-84809-38-3

1. Educação infantil. 2. Prática de ensino. 3. Professores – Formação. I. Silva, Anne Karoline Oliveira Ferreira da. II. Costa, Claudia Cilene Oliveira Português da. III. Santos, Cristiane de Laura Ferreira dos. IV. Bascope, Mirian Auxiliadora Werner. V. Borges, Rhyvianne Alencar. VI. Figueiredo, Thaíssa Moura da Silva.

CDD 370.71

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Revista REASE chancelada pela Editora Arche

São Paulo- SP

Telefone: +55 (11) 94920-0020

<https://periodicorease.pro.br>

[contato@periodicorease.pro.br](mailto:contato@periodicorease.pro.br)

**Copyright © dos autores e das autoras.**

Todos os direitos garantidos. Este é um livro publicado em acesso aberto, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado. Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Internacional (CC BY- NC 4.0).



1ª Edição - Copyright© 2022 dos autores.

Direito de Edição reservado à Revista REASE.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) respectivo(s) autor(es).

As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referencial bibliográfico são prerrogativas de cada autor(es).

---

*Editora-Chefe* Dra. Patrícia S. Ribeiro

*Revisão* Os autores

*Projeto Gráfico* Ana Cláudia Néri Bastos/ Talita Tainá Pereira Batista

*Conselho Editorial* Alfredo Oliveira Neto, UERJ, RJ

José Fajardo, Fundação Getúlio Vargas

Jussara C. dos Santos, Universidade do Minho

María Valeria Albardonedo, Universidad Nacional del Comahue, Argentina

Uaiana Prates, Universidade de Lisboa, Portugal

José Benedito R. da Silva, UFSCar, SP

Pablo Guadarrama González, Universidad Central de Las Villas, Cuba

Maritza Montero, Universidad Central de Venezuela, Venezuela

## **DECLARAÇÃO DOS AUTORES**

Os autores se responsabilizam publicamente pelo conteúdo desta obra, garantindo que o mesmo é de autoria própria, assumindo integral responsabilidade diante de terceiros, quer de natureza moral ou patrimonial, em razão de seu conteúdo, declarando que o trabalho é original, livre de plágio acadêmico e que não infringe quaisquer direitos de propriedade intelectual de terceiros. Os autores declaram não haver qualquer interesse comercial ou irregularidade que comprometa a integridade desta obra.

## APRESENTAÇÃO

A dinâmica contemporânea impele mudanças demasiadamente aceleradas à sociedade. Neste contexto, o conjunto destas mudanças desembocam no orbe educacional com rapidez semelhante, visto que, a escola é um microcosmo social que retrata, sedimenta e adorna o espectro social ao qual está inserida.

Ante exposto, a educação deverá propiciar uma resposta eficiente que contribua significativamente para a detida interpretação do *locus* ao qual este aluno esteja inserido e a prontidão necessária à intervenção nas suas realidades circundantes.

Essa preocupação deverá ser o cerne das demandas dos profissionais da educação inseridos na formação inicial dos alunos neste atual momento histórico.

Diante desta constatação, o professor assume um papel preponderante para uma mediação focada em uma educação que impacte positivamente nos mundos dos seus educandos.

Assim, a seleção de conteúdos para uma aprendizagem significativa tem como farol, o enfoque em conteúdos abordados que privilegiem o

desenvolvimento do senso de responsabilidade individual e comunitária nos sujeitos desde o seu processo inicial de escolarização.

De posse deste material, desejamos que os leitores possam se apoiar neste livro para a promoção de discussões, reflexões e ações.

Boa leitura,

As autoras

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b>	<b>11</b>
READING AND WRITING PRACTICES: THE GENESIS OF KNOWLEDGE CONSTRUCTION	
<b>CAPÍTULO 2</b>	<b>37</b>
A IMPORTÂNCIA DOS MÉTODOS DE ENSINO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
<b>CAPÍTULO 3</b>	<b>56</b>
A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO INFANTIL	
<b>CAPÍTULO 4</b>	<b>101</b>
A PERCEPÇÃO DOS PAIS SOBRE A EQUOTERAPIA EM CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUSTISTA (TEA)	
<b>CAPÍTULO 5</b>	<b>131</b>
O USO DE RECURSOS DIDÁTICOS NAS AULAS DE CIÊNCIAS EM TURMA DE 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE ESCOLA PÚBLICA	
<b>CAPÍTULO 6</b>	<b>151</b>
DIFERENÇAS E PRECONCEITOS NAS SÉRIES INICIAIS	
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b>	<b>175</b>

CAPÍTULO 1

**READING AND WRITING PRACTICES: THE GENESIS OF  
KNOWLEDGE CONSTRUCTION**

**PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA: A GÊNESE DA  
CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO**

## ABSTRACT

This article aims to analyze reading and writing practices as a foundation for the construction of knowledge. For this, it was investigated how the teaching-learning process of reading and writing occurs, emphasizing that it must be mobilizing, inspiring and challenging, both for the student and for the teacher. The importance of the act of reading and writing correctly was presented not only for knowledge, but also for entertainment, leisure and fun and especially for the full exercise of citizenship. It also highlighted the challenges linked to the development of human beings with regard to reading and writing and the strategies needed to overcome such obstacles. A point of great emphasis is the fundamental role of the teacher as one of those responsible for making the student appropriate the alphabetic and orthographic system of the language, guaranteeing them full conditions to use this language in the social practices of reading and writing. The family also exerts a great influence on the construction of the child's knowledge, and must monitor school performance, with the responsibility of intermediating their daily practice. The school must be an environment conducive to discoveries and knowledge, where the entire school community must be involved in some way in the activities developed by the students. The methodology used was bibliographic research, dictionaries, articles and author citations on the subject.

**Keywords:** Reading. Writing. Literacy. Teaching-Learning.

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo tem como objetivo analisar as práticas de leitura e escrita como alicerces para a construção do conhecimento. Para isso, investigou-se como ocorre o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, ressaltando que ele deve ser mobilizador, inspirador e desafiador, tanto para o aluno quanto para o professor. A importância do ato de ler e escrever foi corretamente apresentada não apenas para o conhecimento, mas também para o entretenimento, lazer e diversão e principalmente para o exercício pleno da cidadania. Também destacou os desafios ligados ao desenvolvimento do ser humano no que diz respeito à leitura e à escrita e as estratégias necessárias para superar tais obstáculos. Um ponto de grande destaque é o papel fundamental do professor como um dos responsáveis por fazer com que o aluno se aproprie do sistema alfabético e ortográfico da língua, garantindo-lhe plenas condições de uso dessa língua nas práticas sociais de leitura e escrita. A família também exerce grande influência na construção do conhecimento da criança, devendo acompanhar o desempenho escolar, com a responsabilidade de intermediar sua prática cotidiana. A escola deve ser um ambiente propício às descobertas e ao conhecimento, onde toda a comunidade escolar deve estar envolvida de alguma forma nas atividades desenvolvidas pelos alunos. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica, dicionários, artigos e citações de autores sobre o tema.

**Palavras-chave:** Leitura. Escrita. Alfabetização. Ensino-Aprendizagem.

## 1. INTRODUCTION

Currently, every individual, at any level of education or socioeconomic status, is immersed in the literate environment, as well as the student who arrives at school, when not yet literate, is already part of this world and interacts with the culture of writing. However, it is at school that mastery of the oral and written language is acquired, for effective participation in communication and in the exercise of their citizenship.

Notably, the teaching-learning process of reading and writing is mobilizing, inspiring and challenging, both for the student and for the teacher, since it is a process that requires a series of tasks involving the participation of both subjects, before, during and after performing the reading and writing practice itself.

For Lajolo (2000), reading is one of the most important activities for the formation of the student, therefore, it must be worked with priority at school with the objective of forming critical readers. Cagliari (1989, p. 85) concludes by stating that "learning to read and write is to appropriate the linguistic-graphic code, it is to actually become a user of reading and writing".

It is important to highlight that the mastery of oral and written expression refers to the ability to read and write, to make use of the object of writing and reading, both in terms of literacy and in the context of literacy.

Thus, literacy and literacy are processes that merge and coexist in the experience of reading and writing in social practices, despite being distinct and inseparable concepts, since literacy refers to encoding and decoding the written language, while literacy it is the encoding that an individual or social group acquires as a consequence of having appropriated writing and its social practices.

Based on these reflections, the present research sought to understand the foundation of knowledge construction, namely, reading and writing practices, since the subjects are inserted in a literate society, developing teaching in a qualitative and productive perspective, since the cognition of the action of reading and writing must be used to liberate, transform and allow action on society as a whole, and thus rejecting all forms of alienation.

## 2. METHODOLOGY

This article is the result of bibliographic research, dictionaries, articles and author citations on the subject. In this methodology, a methodical investigation is developed to solve, answer or deepen an inquiry about a certain fact or subject.

For Gil (2002, p. 17) "Research is required when there is not enough information to answer the problem, or when the available information is in such a state of disorder that it cannot be adequately related to the problem".

Pinheiro (2010) supports stating that the research methodology is a set of techniques and processes in which science is used to solve problems. The methodology is the operational bias of the research that links the points discussed in the reasoning with the reality proposed to be researched. Therefore, the methodology must be fully adjusted to the general and specific objectives.

Bibliographic research is mainly inserted in the academic environment and has the purpose of improving and updating knowledge, through a scientific investigation of already published works. In this sense, Andrade (2010, p.15) explains:

Bibliographic research is a fundamental skill in undergraduate courses, since it constitutes the first step for all academic activities. A laboratory or field research necessarily implies a preliminary bibliographic research. Seminars, panels, debates, critical summaries, monographs do not dispense with bibliographic research. It is mandatory in exploratory research, in the delimitation of the theme of a work or research, in the development of the subject, in the citations, in the presentation of conclusions. Therefore, if it is true that not all students will carry out laboratory or field research, it is no less true that all, without exception, must undertake bibliographic research in order to prepare the various works requested (ANDRADE, 2010, p. 25).

In this sense, scientific research is initiated through bibliographic research, in which the researcher looks for works already published relevant to know and analyze the theme-problem of the research to be carried out, identifying if there is already a scientific work on the subject of the research and collaborating in the choice of the problem and an adequate method, all based on previously published works. The instruments used in this research are: books, scientific articles, theses, dissertations, yearbooks, magazines, laws and other types of written sources that have already been published.

### **3 THEORETICAL FRAMEWORK**

#### **3.1 The relevance of the act of reading and writing**

Literacy is understood as the ability to read and write correctly, being considered a learning process, with more emphasis on the early years of Elementary School.

According to Ferreiro (1999, p.47) "literacy is not a state to be reached, but a process whose beginning is in most cases before school and which does not end at the end of primary school".

Ferreiro (1999 apud ESCUDERO; FREITAS; GONÇALVES; TESSER, 2012, p.7) adds that children are easier to read and write compared to adults, noting that they are in a continuous process of learning, while adults have already fixed the forms knowledge and this becomes more difficult to modify.

In view of this, it is clear that literacy is a method through which the student passes, starting before arriving at school and not ending in primary school, as it is something that follows throughout his life trajectory.

It is also known that learning to read depends on familiarization and coexistence with writing, and is therefore not just a matter of intelligence. Thus, it is of fundamental importance that educators know a little about

the child's history, that they have knowledge of how this learning can be constructed and/or idealized by the student to, based on these data, work in their different contexts and consequently provide that these subjects can actively participate in the literate community in which they live, exposing their ideas and opinions with their knowledge obtained through reading and writing practices.

This is because the assignment of teaching the student to read and write for the full exercise of citizenship is incumbent on the school, even if he arrives at school knowing how to read and write, it is this that teaches the real meaning of reading and writing. Lerner (2002, p. 73) associates the fact of reading with citizenship:

Reading is entering other possible worlds. It's questioning reality to understand it better, it's distancing oneself from the text and taking a critical stance in front of what is said and what is meant, it's taking a citizenship letter in the world of written culture[...]

Another point to be highlighted is that at school, the bonds of reading and writing are strengthened, which should accompany the individual in formation throughout life. Thus, the fact that reading and writing are associated with school, gives it an inevitable pedagogical physiognomy, because it has become impossible to

separate reading and writing from school. Therefore, it is at school that the qualification of the reader begins, since there is judgment and appreciation of texts.

The practice of reading and writing, like any learning, requires commitment and dedication, so students should have the opportunity to face the book as an interesting challenge that will open doors, not only for knowledge, but also for entertainment, leisure and fun.

Kramer (2002, p.28) states:

The challenge is to train people willing to delve into other possible worlds that literature offers us, willing to identify with what is similar or to sympathize with what is different and capable of appreciating literary quality.

As we see the practice of reading in the school environment needs to be equal to the practice of reading outside of school, given that children need to know that we read for different reasons and that we do not read all texts in the same way.

In this way, reading to children is an essential activity of the school, through listening to tales, fables, myths, news, poems, and other types of reading, while they still do not know how to read independently, makes them have access to everything that the writing

represents, in addition to learning a lot about the language used to write (KRAMER, 2002).

Therefore, it is crucial that the school awakens in the child the stimulus to read and write, even because reading is still a source of pleasure, personal satisfaction, achievement and accomplishment, which serves as motivation and stimulus for the child to enjoy school. and to study. For this reason, we know that reading is a basic and essential tool for the cognitive development of the human being, it is his own need to interpret and recreate the experiences lived in his daily life.

### **3.2 The construction of knowledge through reading and writing**

Today's society is based on knowledge and information, so knowing how to read and write is essential for the participation, interaction and survival of the individual as a collective. Thus, the continuous improvement of reading and writing skills allows the individual to gain experiences in the literate world and actively participate in different social contexts.

The researcher Magda Soares (2004) argues that reading and writing skills are developed through the literacy process. According to the author, literacy is "a process of acquisition and appropriation of the conventional alphabetic

and orthographic writing system" (Soares, 2004, p. 16).

Also according to the same writer, the literacy process is endowed with broad and varied methods, not only covering the processes of encoding (writing) and decoding (reading). As well, the relationship between literacy and literacy are integrated with each other, as one can contribute to the development of the other. However, for the literacy process to be well consolidated, it is important to understand its specificities. The use of effective, direct and systematic methods are essential for the consolidation of literacy.

Bearing in mind the particularities of each school environment, the development and construction of meanings and meanings cannot be quantified, but obstacles and overcoming strategies can be perceived from information from teachers who work in this area.

It is worth mentioning that every day the child expands his learning, and thus, he is gradually building his knowledge through daily contact with writing and trying somehow to learn something new.

In this sense Carvalho and Matos (2009) state:

Learning is, therefore, a process of construction and reconstruction of

knowledge, supported by the action of the subject on the object dependent on the development of intelligence, that is, for the individual to learn a certain content, it is necessary to have developed given cognitive structures that facilitate this learning. (CARVALHO E MATOS, 2009, p.128).

It is clear then that the student builds his own knowledge, taking an active role in learning, since at each new stage he can present evolution and improvement in his learning, which clearly demonstrates that he is the active element that builds his writing.

Ferreiro and Teberosky (1999) corroborate:

Currently, we know that the child who arrives at school has a remarkable knowledge of his mother tongue, a linguistic knowledge that he uses "without knowing" (unconditionally) in his daily acts of communication. (FERREIRO, 1999, p. 127).

Thus, it is essential to know how to interpret all the hypotheses that children make when starting their process of acquiring writing and from then on working on conventional writing, involving a mutual game between speech and writing. Once going through all these stages of hypotheses, through interventions made by the teacher, she can build and deconstruct her possibilities and principles, advancing more and more in her teaching-learning process.

### **3.3 The challenges found in reading and writing**

The challenges linked to the development of human beings with regard to reading and writing in the classroom are constant in view of the dimension that education presents. This reflects directly on the teacher's work, as he/she plays the role of mediator and facilitator of knowledge.

From this perspective, the teaching units have been seeking to improve their activities through a constructivist pedagogy, presenting as a primordial characteristic, the construction by the child of his own knowledge. This conception starts from the hypothesis that the child knows and reflects their knowledge, organizing and developing them in a process in which the teacher is a mediator of knowledge, always seeking the development of reading and writing skills that are presented as a means of communication. opening to the world of literate culture, with new ways of thinking and acting in society (MORAIS, 2009).

However, it is necessary to highlight another conception in which the school still follows a system that overvalues the contents, forgetting the integral formation of the student; always attributing student failure to previous teaching. In this regard, COELHO E JOSÉ

(1996, p.12) says that the teacher must always be attentive to the stages of the student's development, placing himself in the position of facilitator of learning and basing his work on mutual respect, trust and affection.

Thus, it is essential that the teacher knows the learning process and is interested in children as human beings in constant and continuous development, as well as knowing what their students are like outside of school and what their families are like.

Based on this information, the ability to learn is intrinsically linked to the individual's personal context. This is because reading the world and the word, within a school environment, develops the reader's ability to assimilate and interpret the text. It can be seen then that reading and writing enable the acquisition of new knowledge, the realization of interpersonal relationships, for the communication of their personal and social world, so a subject who has difficulties in learning may become frustrated with society.

Therefore, the entire school community must stick to the fact that the difficulties and challenges of teaching to read and write exist, however strategies are needed to overcome such obstacles in order to offer the student a learning that is consistent with their needs and

that they allow you to use reading and writing in your daily life.

### **3.4 The teacher's highlight in the development of reading and writing practices**

It is clear that the teacher has a fundamental role in the teaching of reading and writing, as well as the great responsibility of making the student appropriate the alphabetic and orthographic system of the language, guaranteeing them full conditions to use that language in the social practices of reading and writing.

Therefore, it is their role to provide the student with the teaching-learning process, helping and teaching them to seek their ideas, visions and convictions about the most varied approaches, as well as to overcome obstacles and barriers that may arise in the day. the day.

According to Vygotsky (1999) "there is no way to learn and apprehend the world if we do not have the other, the one who provides us with the meanings that allow us to think about the world around us", further stating that "Development is a process that takes place From the outside in".

Thus, it is up to the teacher to have clarity on the teaching objectives, to know and value the student's previous knowledge, to

better organize their pedagogical practices, creating strategies so that the contents are systematized during the teaching-learning process.

Thus, the teacher must be aware of their role in the literacy process and that their literacy practices and methodology must be significant and indicative, so that literacy takes place in an integrated and satisfactory way. Soon:

Providing learners with the experience of real practices of reading and textual production is not merely bringing to the classroom copies of texts that circulate in society. When reading and writing a text, it is intended to serve a certain purpose. This is what makes the situation of reading and writing real and meaningful (SANTOS; ALBURQUERQUE, 2007, p.97).

According to Antunes (2003) "the teacher must be able to stimulate the student's interest in discovering the activity of reading and not only the established knowledge, but mainly the pleasure of reading". For this to occur, it is necessary to develop reading strategies that allow us to perceive essential factors in the most diverse orders, linguistic, cognitive, sociocultural, interaction with the resources provided by the language.

It can be seen how important the figure of the teacher is in all teaching-learning

processes, especially in the focus of the theme of reading and writing. A good practice accompanied by good didactics guarantees an effective teaching, from the teacher planning, organizing and proposing challenges to the students so that they overcome, and thus reach the proposed objectives.

### **3.5 The family's contribution in the reading and writing learning process**

The family plays a very important role in the child's life for their school development and this under no circumstances can be disregarded. day.

Based on this statement, scholars and theorists study the relationship that the family has with the educational development of children, one of them, WHITE (2008, p. 17) states that:

It is in the home that the education of the child must begin. There is your first school, the school of life. There, with his parents as instructors, the child will have to learn the lessons that should guide him throughout his life, lessons of respect, obedience, reverence, self-control.

The same author also states that "in the face of a more formal context of education, one can see the importance of the family for the growth and educational development of their

children. At home, development is important, but for their insertion in society, education becomes more important, because learning goes beyond the family, it expands to the society in general in which it is inserted”.

With this, there is no doubt that the family organization is the starting point of preparation of the citizen for life, being, even provided for by law, where the Statute of the Child and Adolescent, Law No. in article 53, it makes clear the responsibility and the right regarding the participation of the family in the school follow-up: “It is the right of parents or guardians to be aware of the pedagogical process, as well as to participate in the definition of educational proposals” (BRASIL, 1990, p. .21).

Currently, there is a broad discussion about the attribution of the family and the school, in a relationship of symbiosis, because just as it is important for the family to be present in the education of the child at school, the school must also be in interaction with the family, aware of that it is contributing positively to the children's literacy years in their reading and writing process.

In her article “The Influence of the Family in the Literacy Process”, researcher Janete Dillmann de Paula (2012) states:

The child's habits and customs are influenced by the environment in which they live; not that it is a rule, but the habit of reading and writing in the family context will provide greater stimulus for the child to understand the value of this act in their day-to-day. (PAULA, 2012, p. 9).

It is clear then that everything is based on what is taught, what the child sees in the family environment, what he learns at school, because the educational process is gradual and continuous. In this way, she will be able to become a critical citizen, ready for the job market and prepared for the exercise of citizenship.

SOUZA (2009, p.8) says that "it is important that the family is engaged in the teaching-learning process. This tends to favor school performance, since the child's interaction with the family is much greater than the interaction with the school". In the face of statements made by researchers on the subject, there is no doubt that the influence and primacy of parents' participation in their children's school life contributes significantly to the process of developing their skills and school performance, at all levels of education, from literacy to the highest degree of training.

### **3.6 The school's performance in strengthening reading**

The school space must be an environment full of discoveries and knowledge, where teachers and other collaborators act as alarm clocks and assistants in the activities developed by the students.

Thus, it is important that the school contributes to the preparation of students capable of participating as subjects in the learning development process:

[...] we understand that the teaching of reading must go beyond the monotonous act that is applied in many schools, in a mechanical and often decontextualized way, but a process that must contribute to the formation of critical and conscious people, capable of interpreting reality, as well as actively participating in society. (OLIVEIRA E QUEIROZ, 2009, p.2)

For this, it is the responsibility of the school to promote strategies and conditions for the individual improvement of the student, arousing interest, aptitude, competence and ability to practice reading and writing.

According to Delmanto (2009) the school must pay increasing attention to the training of readers, that is, direct its work towards practices whose objective is to develop in the students the ability to make use of reading to face the challenges of life. . Still according

to the writer, given the various transformations with which we live, the school needs, more than ever, to provide the student with the necessary tools so that he can search, analyze, select, relate and organize the complex information of the contemporary world.

In practice, it is essential that the school offers a favorable environment for the practice of oral and written language, where the library collection and the reading corner need to be diversified, considering multiple reading supports, books, magazines, newspapers and others. There is a need for a varied composition of literary genres that allow students to have contact with different carriers of texts. Also noteworthy is the promotion of motivation and enthusiasm for reading, where the school must tirelessly seek to enthuse children about the continuous and pleasurable habit of reading, that is, read a lot and read well, in the classroom and outside of school.

Therefore, when the school has an adequate space and a team of educators who carry out a planned, elaborate and organized work, thinking about the motivation followed by the students' learning, it means that it is prepared to receive the student and lead him to the world of reading and writing in an enjoyable way.

## **FINAL CONSIDERATIONS**

The present study demonstrated that reading and writing are basic elements to develop skills and abilities in the individual's personal, professional and social life. Therefore, it becomes a great challenge for schools as responsible for forming citizens capable of transforming the society in which they live.

In view of this, it is up to educational institutions to provide adequate spaces with different strategies and guidelines capable of conditioning students to a more effective practice in the development of reading and writing, assuming the commitment of functioning as a place where reading and writing are the two main methods for entering a literate society.

In the meantime, the figure of the literacy teacher is extremely important, as it is up to him/her the commitment to analyze the profile of his/her students in order to develop the most appropriate methodologies and practices for his/her classroom. Emphasizing that according to this pedagogical conception, the teacher's role is to be the mediator and/or facilitator of knowledge.

Regarding the student's family, there must be a commitment to monitor the child's school performance, with the responsibility of intermediating learning and assisting in the difficulties presented on a daily basis. Emphasizing that the partnership between family and school will depend on the relationship and the school's proposal to insert the family in the school environment.

It is concluded, therefore, that literacy and literacy are important for individuals to be able to relate reading and writing to their daily lives, establishing a concrete communication with reality and, consequently, becoming readers with critical and autonomous.

## REFERENCES

**ANDRADE**, Maria Margarida de. Introduction to Scientific Work Methodology: Preparation of Undergraduate Work. Sao Paulo: Atlas, 2010.

**ANTUNES**, Irande. Portuguese class: meeting and interaction. Sao Paulo: Parabola, 2003.

**BRAZIL**, Child and Adolescent Statute. Law No. 8069 of July 13, 1990. Provides for the Child and Adolescent Statute and other provisions. Brasilia, DF, 2002.

**CAGLIARI**, Luiz Carlos. Teaching and learning: the two methods. In: Literacy without the ba - be - bi - bo - bu . Sao Paulo. Scipione, 1999.

**CARVALHO**, Maria Vilani Cosme de. **MATOS** , Kelma Socorro Alves Lopes de. organizers. Educational Psychology: Theories of Development and Learning in Discussion. Fortaleza: UFC Editions, 2009.

**COELHO**, MT; **JOSÉ** , EA Learning problems. 8th ed. Sao Paulo: Attica, 1996.

**DELMANTO**, Dileta. Reading in the classroom. Almanac of the Writing the Future Program. Year III. Nº 7. 2009. Available at: <https://www.construirnoticias.com.br/a-leitura-em-sala-de-aula/> . Accessed on 08/01/2022.

**ESCUADERO**, Ana Carolina; **TESSER** , Ana Priscila Ferreira; **GOLÇALVES** , Antonia ; **FREITAS** , Maristela. Learning Psychology: Teaching Method Emília Ferreiro. Psicologado , 2012. Available at: <https://psicologado.com.br/atuuacao/psicologiaescolar/psicologiadaprendizagem-metodo-de-ensino-emilia-ferreiro> . Accessed on: 08/01/2022.

**FERREIRO**, Emília, **TEBEROSKY** , Ana- Psychogenesis of Written Language- Translation by Diana Myriam Lichtenstein , Liana Di Marco, Mário Corso.- Porto Alegre: Artmed, 1999.

**FERREIRO**, Emilia. With all the letters. Sao Paulo: Cortez, 1999.

**GIL**, Antonio Carlos. How to design research projects. Sao Paulo, SP: Atlas, 2002.

**KRAMER**, Sonia. The Piaget / Vygotsky debate and educational policies. Research Notebooks, 77. May 1991.

**LAJOLO**, Marisa. From the world of reading to the reading of the world. Sao Paulo: Attica, 2000.

**LERNER**, Delia. Reading and writing in school the real, the possible and the necessary. Sao Paulo: ARTMED, 2002.

**MORAIS**, Jaqueline de Fátima dos Santos. Literacy in Brazil: still a challenge. Espaço Acadêmico Magazine, nº 93, February 2009. Available at: <http://www.espacoacademico.com.br/093/93morals.pdf>. Accessed on: 08/01/2022.

**OLIVEIRA**, Claudio Henrique. **QUEIROZ** , Cristina Maria de. Reading in the classroom: the formation of proficient readers. RN, 2009. Available at: <https://www.webartigos.com/artigos/leitura-em-sala-de-aula-a-formacao-de-leitores-proficientes/18067/> . Accessed on 08/01/2022.

**PAULA**, Janete Dillmann de. The influence of the Family in the Literacy Process. Revista Thema , 2012. Available at: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/139> Accessed on 08/01/2022.

**PINHEIRO**, José Maurício dos Santos. From Scientific Initiation to TCC: An approach to technology courses. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltd., 2010.

**SANTOS**, Carmi Ferraz; **ALBUQUERQUE**, Eliana Borges Correia. Literacy Lettering. In: SANTOS, CF; MENDONÇA, M. (Org.). Literacy and literacy: concepts and relationships. 1st Ed, 1st reprint. Belo Horizonte: Publisher. Authentic, 2007.

**SOARES**, M. (2004). Literacy and literacy: the many facets. UFMG: CEALE, Brazilian Journal of Education, 2004.

**SOUZA**, Maria Ester do Prado. Family/School: The importance of this relationship in school performance, Santo Antônio da Platina, 2009 Available at: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-8.pdf> . Accessed on 08/01/2022.

**VIGOTSKY**, Lev Semionovitch . Thought and language. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

**WHITE**, Ellen G. Advice to Parents, Teachers, and Students: Principles and Methods of Educational Practice. Tatui - SP: Brazilian Publishing House, 2008.

## CAPÍTULO 2

### **A IMPORTÂNCIA DOS MÉTODOS DE ENSINO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

THE IMPORTANCE OF TEACHING METHODS IN THE LITERACY  
PROCESS

## RESUMO

O presente trabalho propõe uma análise para entender dos processos de alfabetização, tratando do princípio, da caracterização e especificidades de cada um dos processos educacionais. Procura também diferenciá-los, para que os métodos educacionais que são aplicados nas escolas possam ser entendidas com clareza, lembrando que são processos diferentes, e que um complementa o outro, para que se aja sucesso na conclusão inicial dos alunos do ensino fundamental. Nos parâmetros curriculares os alunos de 1º, 2º e 3º ciclo devem ir para o 4º ano alfabetizado. É analisado o conceito de analfabetismo funcional, suas consequências e como este se encontra no Brasil, cujos dados mostram uma triste realidade. Este trabalho tem como objetivo não só a elaboração desses conceitos falados, como também expressa às contribuições que a junção desses dois passos que são (alfabetização e letramento) trazem para a educação. O letramento cria um instrumento para o sucesso na formação das crianças que saem das séries iniciais do ensino fundamental, o que contribuirá para diminuir os altos e vergonhosos índices de analfabetismo funcional no país.

**Palavras-chave:** Alfabetização e Letramento. Ensino. Conceitos.

## **ABSTRACT**

The present work proposes an analysis to understand the processes of literacy, dealing with the principle, characterization and specificities of each of the educational processes. It also seeks to differentiate them, so that the educational methods that are applied in schools can be understood clearly, remembering that they are different processes, and that one complements the other, so that success in the initial conclusion of elementary school students is achieved. In the curricular parameters the students of 1st, 2nd and 3rd cycle should go to the 4th year of literacy. It analyzes the concept of functional illiteracy, its consequences and how it is found in Brazil, whose data show a sad reality. This work aims not only to elaborate these concepts, but also expresses the contributions that the combination of these two steps (literacy and literacy) bring to education. Literacy creates an instrument for success in training children out of elementary school, which will help to reduce the high and shameful levels of functional illiteracy in the country.

**Key words:** Literacy and literacy. Teaching. Concepts.

## INTRODUÇÃO

Pode se dizer que a alfabetização é uma das maiores riquezas que um país pode ter. Em uma escola ter as crianças alfabetizadas deve começar nas séries iniciais. A realidade que enfrenta as escolas do Brasil é bem precária, com um índice de analfabetismo impressionante, e uma diferença muito grande se for relacionado com outros países, à precariedade tanto das estruturas, dos recursos e até mesmo dos profissionais de área vem prejudicando a aprendizagem dos alunos que saem das séries iniciais do ensino fundamental. A realidade é que as escolas brasileiras, de modo geral, formam alunos que mal conseguem ler e escrever isso e fato, e que não conseguem ao menos interpretar e produzir pequenos textos. Assim, tem-se constatado uma triste realidade: que as escolas brasileiras de ensino fundamental nas séries iniciais, de modo geral têm contribuído para a formação de analfabetos funcionais. E são muitos brasileiros que se encaixam nesse quadro de analfabetismo, as pesquisas educacionais comprovam esse ponto em questão. E mesmo com tal constatação, pouco se tem feito para mudar os índices do analfabetismo funcional brasileiro até porque não há um interesse da população em mudar esse fato.

O índice maior de analfabetos funcionais é encontrado no Nordeste, Sul e no Sudeste. Este projeto observa a situação em que o Brasil se encontra em relação ao analfabetismo funcional e a proposta é trazer uma alfabetização eficiente dentro da sociedade brasileira. Para que isto aconteça, é necessária a tomada de várias decisões, que passam pelo compromisso com a qualidade, com o conhecimento das necessidades dos alunos e a escolha de um método de alfabetização que melhor se adapte a elas.

## **1. MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO**

O que é a alfabetização? Como surgiu? Qual é a sua função dentro de uma sociedade? Como ela pode ser realizada com sucesso? Existem métodos para esta tarefa? Estas e outras perguntas são comuns de se ouvir.

Constata-se que devido às necessidades da comunicação do dia a dia dos seres humanos é que surgiu a escrita e a leitura, e que ao inventar a escrita, o homem também apareceu a necessidade de que ela continuasse a ser usada e transmitida de gerações em gerações. Por meio a essa necessidade surgiu à alfabetização, ou seja, o período inicial de transmissão de leitura e escrita. Com relação à necessidade do surgimento da escrita para o dia a

dia da humanidade, Cagliari (1998, p. 14) confirma que:

De acordo com os fatos comprovados historicamente, a escrita surgiu do sistema de contagem feito com marcas em cajados ou ossos, e usados provavelmente para contar o gado, numa época em que o homem já possuía rebanhos e domesticava os animais. Esses registros passaram a ser usados nas trocas e vendas, representando a quantidade de animais ou de produtos negociados. Para isso, além dos números, era preciso inventar os símbolos para os produtos e para os proprietários. (CAGLIARI, 1998, p.14)

Com o passar do tempo automaticamente a necessidade da escrita e a leitura passaram a se tornar mais necessário no meio da sociedade e com isso a mesma veio crescendo de geração em geração e que realmente se entenda o que está escrito surgiram às regras da alfabetização.

Em relação a essa necessidade, Cagliari (1998 p. 15) afirma que: “O longo do processo de invenção da escrita também incluiu a invenção de regras de alfabetização, ou seja, as regras que permitem ao leitor decifrar o que está escrito e saber como o sistema de escrita funciona para usá-lo apropriadamente”.

Essa necessidade de passar o conhecimento da leitura e da escrita de geração a geração, cada vez mais está ganhando importância, porém é muito recente essa conscientização em relação ao processo

inicial de transmissão da leitura e escrita, principalmente como forma de evitar o número de insucesso na formação final de alunos. Ferreiro (2001) afirma que, “é recente a tomada de consciência sobre a importância da alfabetização inicial como a única solução real para o problema de alfabetização remedi ativa (de adolescentes e adultos)”. No tempo em que surgiu a escrita, pouca importância se dava ao processo de alfabetização, até porque a necessidade de domínio da mesma era menor. Aprendia-se e ensinava-se apenas o básico para se comunicar através da leitura e da escrita, tendo como forma de ensino um modelo mecânico. Isto acontecia por que:

Nessa época de escrita primitiva, ser alfabetizado significava saber ler o que aqueles símbolos significavam e ser capaz de escrevê-los, repedindo um modelo mais ou menos padronizado, mesmo porque o que se escrevia era apenas um tipo de documento ou texto (CAGLIARI, 1998, p. 15).

Antigamente não existiam outros métodos e formas de alfabetizar uma pessoa. Havia apenas um modelo padronizado e mecânico de cópia e leitura. Com relação à forma em que as pessoas eram alfabetizadas nesse tempo Cagliari (1998, p. 15) afirma que:

Na antiguidade, os alunos alfabetizavam-se aprendendo a ler algo já escrito e depois copiado. Começavam com palavras e depois passavam para textos famosos, que

eram estudados exaustivamente. Finalmente, passavam a escrever seus próprios textos. O trabalho de leitura e cópia era o segredo da alfabetização. (1998, p. 15)

No decorrer do tempo o ensino da leitura e da escrita, ou seja, o processo de alfabetização chegou ao Brasil, tendo início com os jesuítas, dos quais dedicavam a ensinar a ler e a escrever, Paiva (2003, p. 43) confirma que, “desde que chegaram ao Brasil, os jesuítas estabeleceram escolas e começaram a ensinar a ler, a escrever, e a contar e cantar”. Mas, o Brasil com o passar dos tempos não alfabetizava muito diferente da forma adotada na antiguidade, e por mais que pareça impossível ainda encontramos professores que adota esse método padronizado e mecânico, que contribui para um índice grande de atraso na formação de crianças que saem das séries iniciais do ensino fundamental. A partir dos relatos de Ramos (1953, p. 102) pode-se confirmar a forma mecânica em que era e ainda às vezes é realizado o ensino desse processo de aquisição da leitura e escrita. Escreveu ele:

Enfim consegui familiarizar-me com as letras quase todas. Aí me exibiram outras vinte e cinco, diferentes da primeira e com os mesmos nomes delas. Atordoamento, preguiça, desespero, vontade de acabar-me. Veio terceiro alfabeto, veio quarto, e a confusão se estabeleceu, um horror de quiproquós. Quatro sinais com uma só denominação. Se me habituassem às maiúsculas, deixando as minúsculas para mais tarde, talvez não me embrutescesse.

Jogaram-me simultaneamente maldades grandes e pequenas, impressas e manuscritas. (RAMOS, 1953, p. 102)

Por meios desses relatos citados acima é possível observar que a forma em que foi realizada a alfabetização foi prejudicial, pois o que foi ensinado se deu de uma forma mecânica e tradicional, que infelizmente ainda persiste em muitos lugares do Brasil. A mudança deste paradigma é um trabalho bastante árduo.

## **2. O conceito de Alfabetização**

O conceito básico para a alfabetização é de que ela é um processo que leva a aprendizagem inicial da leitura e escrita. Ou seja, alfabetizada é aquela pessoa que domina habilidades básicas para fazer uso da leitura e escrita alguns conceitos de alfabetização.

É um processo que, ainda que se inicie formalmente na escola, começa de fato, antes de a criança chegar à escola, através das diversas leituras que vai fazendo do mundo que a cerca, desde o momento em que nasce e, apesar de se consolidar nas quatro primeiras séries, continua pela vida afora. Este processo continua apesar da escola, fora da escola paralelamente à escola. (Val, 2006, p. 19).

No olhar de Perez (2002, p. 66) a alfabetização:

É um processo que, ainda que se inicie formalmente na escola, começa de fato,

antes de a criança chegar à escola, através das diversas leituras que vai fazendo do mundo que a cerca, desde o momento em que nasce e, apesar de se consolidar nas quatro primeiras séries, continua pela vida afora. Este processo continua apesar da escola, fora da escola paralelamente à escola. [...] Pode-se definir alfabetização como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitem ao aluno ler e escrever com autonomia. Noutras palavras, alfabetização diz respeito à compreensão e ao domínio do chamado “código” escrito, que se organiza em torno de relações entre a pauta sonora da fala e as letras (e outras convenções) usadas para representá-la, a pauta, na escrita.

Com os conceitos que foram apresentados por estes dois autores é possível observar que a alfabetização é um processo de ensino aprendizagem que acontece antes, durante e depois do período escolar, ou seja, a alfabetização acontece dentro e fora do ambiente escolar.

A alfabetização é então, a ação de fazer com que a pessoa se aproprie de habilidades que levam a leitura e a escrita.

### **3. OS Métodos de Alfabetização**

Á vários métodos de alfabetizar, e quando o professor quer aplicar novos métodos de alfabetização para poder alcançando seus objetivos, o professor deve trabalhar com seus alunos dentro de suas realidades em que se encontram, propondo

atividades lúdicas e criativas. Os Métodos são a forma ou maneira que o professor direcionar suas aulas. Explicando melhor, Correa e Salch (2007, p. 10) afirmam que a palavra método tem sua origem no grego “methodos” e diz respeito a caminho para chegar a um objetivo. Num sentido mais geral, refere-se a modo de agir, maneira de proceder, meio; em sentido mais positivo, está se referindo a um planejamento de uma série de operações que se devem efetivar, prevendo inclusive erros estáveis, para se chegar a um determinado fim.

Quando se fala em alfabetizar vem em seguida a preocupação de: qual é o melhor método que deve ser trabalhado e alcançar os objetivos de uma alfabetização de qualidade?

Alfabetizar não é como fazer uma receita, o professor tem que ter dinâmica, amor e habilidades para poder dominar uma sala de aula e compreender que as crianças são diferentes umas das outras, e o tempo de aprendizagem delas nem sempre é como o planejado, o professor tem que ter métodos diferenciados para poder conseguir atrair o interesse das crianças. O método aplicado em uma turma nem sempre tem o mesmo resultado em outra. A criança não é um brinquedo feito por uma empresa que possui um molde com todas as peças iguais.

O correto é utilizar formas diversificadas, porém não se pode definir qual a melhor forma ou método de usar uma vez que as crianças têm maneiras diferenciadas de acompanhar e compreender as aulas, ou mesmo método de ensino, pode ser bom para a aprendizagem de uma criança pode ser ruim para outra, quando é utilizado um método e ele não produz resultados positivos, o correto é modificar a forma de ensino.

Quem se propõe a alfabetizar baseado ou não no construtivismo, deve ter um conhecimento básico sobre os princípios teórico-metodológico da alfabetização, para não ter que inventar a roda. Já não se espera que um método milagroso seja plenamente eficaz para todos. Tal receita não existe. (CARVALHO, 2008, p. 17).

As maiorias dos professores não se preocupam em melhorar seus conhecimentos nem procuram conhecer novas formas de alfabetização, alguns nem sabem explicar o que é formação continuada. Acham que a forma que trabalham com um aluno que deu certo será bom para todos e quando pegam outra turma acabam trabalhando da forma que havia trabalhado anteriormente e acabam contribuindo para a construção do fracasso do aluno que está no processo de alfabetização inicial. As crianças do ensino fundamental, estão repletas de curiosidade e disposição para se iniciar o aprendizado da

leitura e escrita. Esse é o momento de estimulá-las mesmas para o hábito da leitura e contato com a escrita, e

Uma das maneiras do professor dar uma aula diferenciada é ler para as crianças todos os dias contos, poemas, letras de músicas, histórias, notícias de revista e jornais, receitas dentre outros. É uma forma simples e que contém um efeito impressionante, estimular as crianças e o dever do professor e é esse interesse que os profissionais devem ter quando pegar essa responsabilidade, pode na verdade, desestimular as curiosidades e a criatividade das crianças. É muito importante também que os professores tenham consciência ao escolher o método de alfabetização, optando por um que faça sentido para a criança em um todo, sempre mostrando a importância do ato de ler e escrever e que esteja dentro da realidade em que as crianças vivem (ou seja atividades e palavras que então relacionadas a seu meio). Carvalho (2008, p. 46) afirma que:

Para a professora, seja qual for o método escolhido, o conhecimento das suas bases teóricas é condição essencial, importantíssima, mas não suficiente. A boa aplicação técnica de um método exige prática, tempo e atenção para observar as reações das crianças, registrar os resultados, ver o

que acontece no dia-a-dia e procurar soluções para os problemas dos alunos que não acompanham.

Há vários métodos, só depende do professor conhecê-los e analisar qual será a melhor maneira de trabalhar com seus alunos. É importante que antes da escolha do método, o professor conheça seus alunos, e estude bem a dificuldade de cada um, se o profissional não tiver esse olhar sua sala terá o índice de insucesso.

### **3.1 Métodos Sintéticos**

Os métodos sintéticos partem da soletração para o espírito fonológico, e tem como objetivo que o aluno se torne alfabetizado a partir da decodificação dos sons que as letras têm, ou seja, o grafema fonema. A alfabetização através desses métodos parte de pequenas palavras e durante esse processo o professor pode escolher se vai fazer uso de cartilhas ou não. Em relação a esse método, Cagliari (1998 p. 25) afirma que: “partia-se do alfabeto para soletração e silabação, seguindo uma ordem hierárquica crescente de dificuldades, desde a letra até o texto”.

Um cuidado que deve ser observado na aplicação dos métodos fônicos decorre da própria natureza do Português, língua alfabética na qual uma letra pode representar diferentes sons

conforme a posição que ocupa na palavra, assim como um som pode ser representado por mais de uma letra, segundo a posição. Assim, não basta ensinar o som da letra em posição inicial da palavra, mas é preciso mostrar os sons que as letras têm em posição inicial, medial (no meio) ou final da sílaba.

São métodos sintéticos: soletração, silabação, método fônico, método da abelhinha e o da casinha feliz, todos eles quando aplicados pelo professor, partem ensinando da soletração para a consciência fonológica. Mas, para a aplicação desses métodos sintéticos é necessário cuidado, visto que o fonema, ou seja, o som de algumas letras quando junto de outras podem ter sons diferentes, sendo necessário então, trabalhar isso durante o processo de alfabetização. Carvalho (2008, p. 28).

### **3.2 Métodos Analíticos ou Globais**

Os métodos de alfabetização são conhecidos como analíticos ou globais. Sua aplicação visa alfabetizar a criança a partir de histórias ou orações. Com essa nova forma de se alfabetizar chegou no Brasil houve uma grande mudança da parte dos professores, por serem muito diferentes dos métodos sintéticos, os globais possuem como objetivo alfabetizar a criança da parte maior para a menor, ou seja, dos textos ou orações para as letras. É o caminho inverso. Esse método de

alfabetização é importante, pois, quando se ensina a criança a ler e escrever por meio de histórias, automaticamente estimula o aluno a criar gosto pela leitura. Este é um dos pontos positivos para a aplicação desse método. São considerados globais os seguintes métodos: métodos de conto, método audiovisual de Decroly, método natural Freinet, a metodologia de base linguística ou psicolinguística, as fases de uma unidade, alfabetizar por meio de palavra-chave, método natural, síntese dos passos de aplicação e o método Paulo Freire. Em todos esses métodos o professor deverá partir de textos ou orações até chegar às letras, ou seja, do maior para o menor. Mas, afinal qual é o melhor método? Não há uma resposta pronta e acabada pois o professor está sempre criando métodos novos para ajudar seus alunos.

Cabe ao professor conhecer seus alunos e tomar a decisão de qual método adotar em sala de aula. Caso o professor não tenha resultado negativos dos métodos propostos tem a opção de trabalhar os métodos analítico-sintéticos, ou seja, a mistura do global ou analítico com o sintético, no qual o professor ensina a consciência fonológica junto com o processo de ensinar a ler e escrever a partir de história ou orações. Sobre isto, Carvalho (2008, p. 18) afirma que:

São os chamados métodos analítico-sintéticos, que tentam combinar aspectos de ambas as abordagens teóricas, ou seja, enfatizar a compreensão do texto desde a alfabetização inicial, como é próprio dos métodos analíticos ou globais, e paralelamente identificar os fonemas e explicitar sistematicamente as relações entre letras e sons, como ocorre nos métodos fônicos.

É então necessário muito estudo e dedicação por parte do professor quando assumir a responsabilidade de alfabetizar uma turma, visto que as crianças possuem formas de aprendizagem diferentes e o melhor método para uma criança pode ser ruim para outra. Não existe uma receita pronta de como alfabetizar, nem estudos que comprovem que um método mais seja mais eficiente que outro. Cabe ao professor à responsabilidade de fazer o melhor para obter sucesso no processo de alfabetização de sua turma.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

E possível concluir que alfabetizar é um meio de ensino com que leva à pessoa a aprendizagem iniciando com a leitura e a escrita. Conclui que a pessoa está alfabetizada, quando está dominando as habilidades básicas para fazer uso da leitura e da escrita. Para tornar os alunos alfabetizados há vários métodos que podem ser classificados como sintéticos e analíticos ou globais. Os métodos sintéticos são aqueles em que o professor começa a ensinar do menor para maior, ou seja: das letras para os textos e orações. Os métodos analíticos ou globais o professor começa a ensinar pelo caminho inverso, do maior para o menor, ou seja, dos textos ou orações para as letras. Quando se inicia um método de alfabetização é preciso compreender que cada criança tem seu ritmo e sua maneira própria de aprender. A método correto de um professor ensinar para uma criança nem sempre precisa ser diferente de uma para a outra, porque um método pode ser bom para alfabetizar uma criança, porém, pode não ser a melhor maneira para a aprendizagem da outra. Sendo assim, não existe uma receita pronta de alfabetização, cabendo ao professor muita pesquisa e dedicação para fazer o melhor pela sua turma.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetizando sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bu: Pensamento e Ação no Magistério. 1. Ed. São Paulo: Scipione, 1998. CARVALHO, Marlene. Alfabetizar e Letrar: Um Diálogo entre a Teoria e a Prática.

5. Ed. Rio de Janeiro Vozes, 2008. CORREA, Djane Antonucci, SALCH, Bailon de Oliveira e et. al.

Práticas de Letramento: Leitura, escrita e discurso. 1. Ed. São Paulo: Parábola editorial, 2007.

FERREIRO, Emília. Reflexões Sobre a Alfabetização. 24. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MOREIRA, Daniel Augusto. Analfabetismo Funcional: O Mal Nosso de cada Dia.

1. Ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. PAIVA, José Maria de. Educação Jesuítica no Brasil Colonial. In: LOPEZ, Eliane Marta Teixeira (org.). 500 Anos de Educação no Brasil. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RAMOS, Graciliano. Infância. 3. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953. SOARES, Magda.

Letramento: Um tema em três gêneros. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VAL, Maria da Graça Costa. O que é ser alfabetizado e letrado? 2004. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de (org.). Práticas de Leitura e Escrita. 1. Ed. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

## CAPÍTULO 3

### **A IMPORTANCIA DA LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO INFANTIL**

### **THE IMPORTANCE OF READING IN CHILDREN'S LITERACY**

## RESUMO

A necessidade de um sistema de escrita veio das situações vividas pelo homem no seu dia a dia, quando ele sentiu o desejo de se comunicar com outros homens. O tema enfocado é a relevância do incentivo à leitura na alfabetização infantil. A temática está na linha de pesquisa da docência na Educação Infantil. Ao decodificar esses símbolos que ele mesmo criou, deu-se ao processo da leitura. No decorrer do tempo, vários pensadores se dedicaram à criação de métodos que mostravam formas para o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. Percebe-se então que o desenvolvimento da leitura é um processo independente daquele que a criança aprende na escola, pois ela começa desde os primeiros anos de vida, portanto ler não ocorrer só através da leitura do que está escrito. O objetivo é indicar as possibilidades de trabalhar a leitura de forma gradual na alfabetização infantil, de maneira a que se torne um hábito. O desenvolvimento pressupõe um ambiente favorável para que o processo se efetive de forma satisfatória. É um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção dos significados a partir do que está escrito, mas o conhecimento de mundo que esse leitor foi acumulando no decorrer de sua vida. Acredita-se também que os pais representam um importante parceiro nesse despertar da criança para a leitura e a escrita, conscientizando-se da necessidade de contar história para os seus filhos, assim, contribuindo na formação de um leitor ativo. Dessa forma esse trabalho tem por objetivo avaliar a leitura como um instrumento para a melhoria de qualidade do ensino, compreendendo

seu desenvolvimento, bem como os fatores que interferem nesse desenvolvimento. Para a realização do trabalho, utilizou-se a pesquisa bibliográfica. O Projeto de ensino se direciona a atividades construtivas e estimuladoras da leitura e os recursos se embasam nessa prática. A avaliação é qualitativa, constatando a participação dos alunos.

**Palavras-chave:** Leitura. Desenvolvimento. Aprendizagem. Criança.

## **ABSTRACT**

The need for a writing system came from the situations experienced by man in his daily life, when he felt the desire to communicate with other men. The focused theme is the relevance of encouraging reading in children's literacy. The theme is in the line of research of teaching in Early Childhood Education. By decoding these symbols that he himself created, he started the process of reading. Over time, several thinkers dedicated themselves to the creation of methods that showed ways to teach and learn reading and writing. It can be seen then that the development of reading is an independent process of what the child learns at school, as it starts from the first years of life, so reading does not occur only through reading what is written. The objective is to indicate the possibilities of working on reading gradually in children's literacy, so that it becomes a habit. Development presupposes a favorable environment for the process to take place satisfactorily. It is a process in which the reader performs an active work of construction of meanings from what is written, but the knowledge of the world that this reader has been accumulating throughout his life. It is also believed that parents represent an important partner in this awakening of the child to reading and writing, becoming aware of the need to tell a story to their children, thus contributing to the formation of an active reader. Thus, this work aims to evaluate reading as an instrument for improving the quality of teaching, understanding its development, as well as the factors that interfere in this development. To carry out the work, a

bibliographic research was used. The teaching project is aimed at constructive and stimulating reading activities and the resources are based on this practice. The evaluation is qualitative, noting the participation of the students.

**Keywords:** Reading. Development. Learning. Child.

## 1. INTRODUÇÃO

O tema deste projeto de ensino é a relevância do incentivo à leitura na alfabetização infantil, tendo como linha de pesquisa a docência na Educação Infantil.

O objetivo do estudo é indicar as possibilidades de trabalhar a leitura de forma gradual na alfabetização infantil.

A problematização é: como a docência pode desenvolver o hábito de leitura na Educação Infantil através da motivação?

A justificativa pela escolha foi em perceber que a leitura oportuniza o conhecimento escolar, bem como conhecimento de mundo.

Desde que surgiu a escrita, o homem teve necessidade de se comunicar, isso se deu através da oralidade, entretanto com o passar do tempo sentiu a necessidade de deixar suas ideias gravadas de alguma forma que ela não se perdesse com o tempo. E então começaram as primeiras tentativas da linguagem escrita.

Os povos pré-históricos utilizavam figuras para informar, era escrita ideográfica. Sabe-se que vários caminhos o homem recorreu até chegar à escrita utilizada pela civilização moderna, mas a sua finalidade sempre foi à mesma, passar

informações a leitores ausentes no momento em que ela foi escrita.

A alfabetização é, pois, tão antiga quanto os sistemas de escrita. Através de muito estudo é que as escritas abandonadas voltam a ser conhecidas, permitindo assim que os textos antigos sejam lidos e que a escrita possa ser novamente utilizada. Com o renascimento surgiu à imprensa, iniciou-se então paralelamente a leitura individual, daí veio à necessidade de mais pessoas aprenderem a ler e escrever, onde o aparecimento das cartilhas.

A leitura e escrita servem para edificar o ser humano e diferenciá-lo dos demais seres do mundo, para ampliar a sua vida, construindo e reconstituindo os instrumentos ao seu redor. Dessa forma o indivíduo adquire informações que o rodeia, podendo assim se interagir nesse contexto ampliando cada dia o seu alto conhecimento.

A leitura e a escrita têm sido primordiais e de grande importância na vida do ser humano. Através da leitura se pode viajar, conhecer o mundo e aprender muito mais. Faz-se necessário criar na criança hábitos de ler, e nesse processo se deve ter a participação de todos os envolvidos: professores com seus alunos, os pais com visão que permitirá a compreensão dos fatos, da história da vida, que podem auxiliar de maneira fundamental na

formação do indivíduo, além de ampliar horizontes e a descoberta pelo prazer da leitura, construindo conhecimento tanto na escola quanto fora dela.

No mundo contemporâneo, a necessidade de ler e escrever têm sido fundamentais para o crescimento pessoal da humanidade, pois se tem que estar atento aos acontecimentos, mudanças e transformações do dia a dia.

O domínio da leitura e a escrita representam uma das competências imprescindíveis para o desenvolvimento do cidadão. Percebe-se que por meio dela se tem acesso a toda informação proporcionando a construção do conhecimento e uma aprendizagem significativa, ajudando as crianças e se tornarem leitores e escritores, ativos engajados, que leem e escrevem em busca de prazer e de informações, porque consideram particularmente a leitura graficamente e recompensadora.

## 2. O QUE É LER?

A escola enfrenta muitos desafios, considerando que a leitura e a escrita são dois fenômenos profundamente interligados e um dos desafios está em fazer com que os educandos aprendam a ler e escrever, ou seja, fazer com que compreendam e interpretem textos escritos como um instrumento necessário para atingir um desenvolvimento adequado para agir com autonomia nas sociedades letradas.

No entanto, num enfoque amplo do ensino da leitura, o ensinar a ler para aprender, deve vir acompanhado do ensinar a ler para ler e escrever. Pois: A leitura constitui-se na atividade fundamental, desenvolvida pela escola para a formação dos alunos, de forma que, se um aluno não se sair bem em outras atividades e for um bom leitor, a escola terá cumprido, em parte, sua tarefa (CAGLIARI, 1992, p. 102).

Leitura e escrita se entrecruzam de forma simultânea, integrada e dialética. Essa integração revela o papel social do texto escrito e favorece sua utilização fora do ambiente escolar. A relação dialética entre a leitura e a escrita pode ser percebida nas palavras de Cagliari (1992, p. 104): “[...] o objetivo da escrita é a leitura, mas quem vai escrever só é capaz de fazê-lo se souber ler o

que escreve". Percebe-se assim, a relevância da leitura sobre a escrita. Portanto, a leitura do mundo é uma habilidade que precede a escrita. Tudo o que se ensina na escola está diretamente ligado à leitura e o que se escreve é para ser lido. Assim sendo, ler e escrever são duas atividades que se conduzem paralelamente.

A leitura serve não só para aprender a ler, mas também para aprender outras dimensões da vida e do mundo. De acordo com Silva (1983, p. 42): "Ao aprender a ler ou a ler para aprender, portanto, o indivíduo executa um ato de conhecer e compreender as realizações humanas através da escrita".

A leitura deve ser um ato contínuo à escrita, um não pode ser mais valorizado em detrimento do outro. Ela é uma atividade essencialmente ligada à escrita e a escrita é uma atividade que exterioriza o pensamento, e ainda é uma atividade que possibilita a assimilação de conhecimentos, de interiorização e reflexão. Assim:

[...] a aprendizagem da leitura está íntima e decisivamente interligada à aprendizagem da escrita. É cara e coroa da mesma moeda. Da mesma forma que se responde para que, por que ler na escola? Responde-se para que, por que escrever na escola? (GARCIA, 1988, p. 36).

De acordo com Jolibert (1994, p. 15) "ler é atribuir diretamente um sentido a algo escrito",

sem passar pela decifração e oralização. Ler é questionar algo escrito a partir de uma expectativa real, numa verdadeira situação de vida.

Questionar um texto é fazer hipóteses a partir de indícios levantados e verificar essas hipóteses. Tal questionamento se desenvolve através de toda uma estratégia de leitura, na qual qualquer indivíduo alfabetizado ou não utiliza.

Para Adam e Starr (1982 apud COLOMER & CAMPS, 2002) ler é a capacidade de entender um texto escrito. Essa definição tão simples de leitura poderia parecer intuitivamente evidente, mas as implicações de sua interpretação não são tão óbvias. Essa definição não corresponde às concepções sobre o que significa ler, presentes até poucas décadas nas teorias e concepções que ainda hoje se podem encontrar em vários métodos escolares de aprendizagem da leitura.

Assim, apesar de reconhecer a afirmação de que ler é entender um texto, a escola contradiz, com certa frequência, tal afirmação ao basear o ensino da leitura em uma série de atividades que se supõe que mostrarão aos educandos como se lê, mas nas quais, paradoxalmente, nunca é prioritário o desejo de que entendam o que diz o texto. É comum, por exemplo, escolherem-se como materiais de leitura pequenos fragmentos de textos ou

palavras soltas em função das letras que a compõem, estudarem-se as letras isoladas e segundo uma ordem de aparição preestabelecida, ou se mandar ler em voz alta com a atenção centrada naqueles aspectos que serão valorizados e corrigidos prioritariamente como: pronúncia correta, velocidade da leitura etc. O distanciamento dessas práticas educativas de qualquer busca de significado não se baseia, naturalmente, em uma perversidade intrínseca da escola, mas são consequências de uma concepção leitora que permaneceu vigente durante séculos, até que os avanços teóricos nesse campo, nas últimas décadas, a puseram em questão como dizem Adam e Starr (1985 apud COLOMER, 2002, p. 30):

Quando se lê um texto com significado não se leem as letras, as palavras e as frases que o compõem do mesmo modo como se fossem apresentadas isoladamente e, inclusive, a velocidade da leitura de uma frase depende do contexto à sua volta.

O significado de um texto, por outro lado, não reside na soma de significados das palavras que o compõem. Nem coincide somente com o que se costuma chamar de significado literal do texto, já que os significados se constroem uns em relação aos outros. A relação entre o texto e o leitor durante a leitura pode ser qualificada como

dialética: o leitor baseia-se em seus conhecimentos para interpretar o texto, para extrair um significado, e esse novo significado, por sua vez, permite-lhe criar, modificar, elaborar e incorporar novos conhecimentos em seus esquemas mentais.

Ler, mais do que um simples ato mecânico de decifração de signos gráficos, é antes de tudo um ato de intelecto, já que se trata de saber orientar uma série de raciocínios no sentido da construção de uma interpretação da mensagem escrita a partir da informação proporcionada pelo texto e pelos conhecimentos do leitor ao mesmo tempo.

Assim, para formar leitores, o professor deve ter paixão pela leitura. Concorda-se assim com Silva (1995) que a leitura se baseia no desejo e no prazer:

Em que se baseia a leitura? No desejo. Esta resposta é uma opção. É tanto o resultado de uma observação como de uma instituição vivida. Ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, deportar-se para uma ficção, abrir o parêntese do imaginário. Ler é muitas vezes trancar-se (no sentido próprio é figurado). É manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo do ouvido (as palavras ressoam). As pessoas lêem com seus corpos. Ler é também sair (SILVA, 1995, p. 37).

### 3. O QUE É LETRAMENTO?

No Brasil, os estudos sobre letramento iniciaram-se mais efetivamente na segunda metade da década de 1980. A área do conhecimento pioneira foi a Linguística Aplicada. Hoje, contudo, letramento é assunto de debate em diversas outras áreas, como Educação, Antropologia, História e Sociologia. Seguindo as tradições Americana e Europeia, pesquisadores no Brasil começaram a perceber que, embora escolarizadas, as pessoas não sabem fazer uso de seu conhecimento de leitura e escrita para comunicar-se com sucesso em suas interações sociais, pessoais e profissionais.

Assim, o Brasil entra na discussão internacional, incluindo, para tanto, um item vocabular novo em seu léxico: a palavra letramento (ainda não dicionarizada), cunhada, no Brasil, em 1986 (KLEIMAN, 1995), tendo como um dos estudiosos no que se refere aos estudos do letramento no Brasil é, sem dúvidas, o de Paulo Freire, cuja extensa obra é um esforço constante em fazer com que, ao se alfabetizar, o indivíduo conquiste também sua cidadania.

A palavra letramento surgiu para nomear a busca de se registrar usos e funções da modalidade escrita em processos sociais de comunicação. Diferentes comunidades poderiam ter diferentes

práticas de letramento. O termo difere-se de alfabetização, uma vez que esta se refere ao processo de ensino e aprendizagem do código escrito. Os usos feitos da leitura e da escrita são socialmente determinados, e, portanto, têm valor e significados específicos para cada comunidade em específico. Sendo assim, o domínio do código escrito é algo que se espera em todas as comunidades nas quais os indivíduos sejam reconhecidos como alfabetizados, enquanto as práticas de letramento podem variar de comunidade para comunidade, e até mesmo de grupos sociais para grupos sociais dentro de uma mesma comunidade.

As pessoas podem ser mais familiares com certas práticas de letramento do que com outras, dependendo do engajamento delas naquela prática social específica.

Em contrapartida, as pessoas não podem ser “mais ou menos” alfabetizadas. Elas sabem, ou não sabem ler e escrever. Essas noções não são facilmente aceitas quando se tem uma realidade social na qual há indivíduos que apenas sabem assinar o próprio nome, outros que são capazes de ler e produzir pequenos textos, outros ainda que tenham o hábito de ler jornal, e outros que usam o código escrito como ferramenta essencial para suas

interações diárias, seja no trabalho, na igreja, ou em qualquer outro domínio social.

[...] Alfabetizar é ensinar a ler e a escrever, é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever. [...] Alfabetização é a ação de alfabetizar. [...] Letramento é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita e de suas práticas sociais (SOARES, 2001, p. 31-39).

Afinal, o que é ser alfabetizado e como se define um sujeito letrado? Primeiro, define-se alfabetizado como sendo o conhecedor do código escrito. Aquele que passou pelo processo de aprendizagem da leitura e da escrita é um indivíduo alfabetizado. Quanto à definição de ser letrado, refere-se à capacidade do indivíduo de usar o código escrito para interagir em sua comunidade, quando nesta existem demandas de letramento. Como foi apontada anteriormente, a demanda social de letramento pode variar de comunidade para comunidade, e até dentro de uma mesma comunidade. Elas incluem dentre outras, a leitura de placas, cartazes e painéis, participação em abaixo-assinados, lista de compras, elaboração de cartas e bilhetes, anotação de recados e avisos, conhecimento e uso de vários tipos de textos e suas funções.

Tornar-se letrado é um processo que se inicia logo após a aprendizagem do código escrito, e que não se encerra, desde que o indivíduo se encontre exposto a demandas de letramento. Tornar-se letrado é um processo no qual o indivíduo se engaja mais, ou menos, de acordo com seu papel, seus interesses e suas necessidades na comunidade em que vive. Contudo, o fato de um indivíduo não necessitar do código escrito para interagir socialmente não significa de maneira alguma que ele seja menos inteligente do que aquele que faz uso da escrita, ou que ele seja incapaz de funcionar satisfatoriamente em seu meio social. O letramento predominante no senso comum é o de se pensar que aquele que não faz uso do código escrito para se comunicar seja incapaz de raciocinar logicamente, de inferir informações ou de se expressar oralmente. Com certeza, pois, há um nível de letramento existente num indivíduo que não utiliza o código escrito (DESCARDECI, 2001).

Nas palavras de Ferreiro (2001, p. 19): “A escrita é importante na escola, porque é importante fora dela e não o contrário”. Retomando a tese defendida por Paulo Freire (1999), os estudos sobre o letramento reconfiguram a conotação política de uma conquista – a alfabetização – que não necessariamente se coloca a serviço da libertação

humana. Muito pelo contrário, a história do ensino no Brasil, a despeito de eventuais boas intenções tem deixado rastros de um índice sempre inaceitável de analfabetismo agravado pelo quadro nacional de baixo letramento.

Para se entender esse baixo letramento e ter uma visão do ensino procuraram-se nos dicionários da língua portuguesa a definição de dois vocábulos letrados e iletrados. De acordo com Ferreira (2010) o verbete letrado é definido como “que ou quem é versado em letras; erudito”. No entanto, iletrado “que ou quem não tem conhecimentos literários; analfabeto ou quase”. Os verbetes citados não têm relação com o sentido do letramento, pelo qual está sendo tratado. Portanto, deve-se analisar que não pode ser usado o termo “iletrado”, para dizer que um indivíduo não está num estado pleno de letramento.

Segundo Tfouni (1995), o termo “iletrado”, bem como “iletramento”, é impraticável, no que diz respeito à sociedade considerada moderna e/ou industrializada, centrada na escrita, pois a possibilidade de existir indivíduos que não possuem nem um grau sequer de letramento é quase impossível.

Em consideração ao que Paulo Freire muitas vezes insistiu em sua pedagogia “de que a leitura

do mundo precede a leitura da palavra”, e ainda, “o ato de aprender a ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra” (FREIRE, 1999, p.12).

Na verdade, para que a afirmação “quem sabe, ensina a quem não sabe” se recupere de seu caráter autoritário, é preciso que quem saiba, sobretudo que “ninguém sabe tudo e que ninguém ignora tudo” (FREIRE, 2009, p. 27).

Isso quer dizer que o indivíduo não é um depósito vazio e zerado antes da alfabetização, os educadores, enchendo-os com informações mecânicas e institucionais, através de uma escolarização. Ele já possui sua peculiar capacidade de leitura dentro do seu contexto social para sobreviver em meio ao grupo em que vive. A alfabetização como a prática do letramento, trará ao indivíduo capacidades, competências, habilidades diversas para que este se envolva com as variadas demandas sociais de leitura e escrita.

Segundo Collelo (2003), é preciso considerar, que as práticas letradas de diferentes comunidades, nos mostram experiências diversificadas com educandos e que os diferentes usos, as várias linguagens, os possíveis posicionamentos do interlocutor, os graus

diferenciados de familiaridade temática, as alternativas de instrumentos, portadores de textos e de práticas de produção e interpretação, significa muitas vezes percorrer uma longa trajetória, cuja duração não está prevista nos padrões inflexíveis da programação curricular.

Diante disso, é preciso considerar a reação do aprendiz em face da proposta pedagógica, que se busca de forma significativa. Na dificuldade de lidar com a lógica do “aprenda primeiro para depois ver para que sirvam”, muitos educandos parecem pouco convencidos a mobilizar os seus esforços em benefício do aprender a ler e a escrever. Deve-se admitir que o processo de aquisição da língua escrita esteja fortemente vinculado a uma nova condição cognitiva e cultural; diante disso, os educadores esperam que seus educandos se desenvolvam como cidadãos, para configurar na perspectiva do aprendiz como: motivos de resistência ao aprendizado; a negação de um mundo que não é o seu; o temor de perder suas raízes, sua história e referencial; o medo de abalar a primazia até então concedida à oralidade, sua mais típica forma de expressão, o receio de trair seus pares com o ingresso no mundo letrado e a insegurança na conquista da nova identidade, ou seja, alfabetizado.

Assim, a aprendizagem da língua escrita envolve um processo de aculturação através, e na direção das práticas discursivas de grupos letrados, não sendo, portanto, apenas um processo marcado pelo conflito, como todo processo de aprendizagem, mas também um processo de perda e de luta social.

#### **4. A LEITURA DE MUNDO**

A leitura constitui-se num poderoso instrumento para a libertação e conscientização do povo e para reconstrução da sociedade. Por isso, é necessário que se combata o desgosto pela leitura. O passo inicial é compreender criticamente os mecanismos e manobras que surgem objetivando manter o povo na ignorância e alienação. A propósito Cagliari (1992, p. 10) comenta que: “Nada melhor que a ignorância para gerar a obediência cega, a subserviência e o conformismo, como destino irrevogável da condição humana”.

Concebendo-se o processo de leitura como instrumento de civilização, reflexão e compreensão, ou seja, a leitura como revelação da palavra e do mundo, tudo isso se constitui em um instrumento de combate à ignorância e à alienação impostas pelo regime dominante.

A censura de livros não é semelhante à censura da televisão ou rádio. O aumento do público leitor significa o acesso à informação não atingida pela tesoura da censura e, por isso mesmo, mais objetiva em termos de colocação. Imagine o problema que seria para a ideologia dominante se a maior parte da população brasileira tivesse acesso, por exemplo, à leitura das obras completas de Marx, Engel, [...], Paulo Freire, etc (SILVA,1991, p. 13).

Não se pode negar que os meios de comunicação sejam produtos de cultura, mas sem dúvida é ainda a forma escrita que, por excelência, é capaz de difundir o conhecimento de forma mais crítica. É preciso admitir que existam obstáculos que se opõem à prática da leitura. Um deles é o fator tempo e o outro, o socioeconômico.

Mas mesmo que esses obstáculos sejam superados, não é o bastante para que se combata a tão propagada crise da leitura. Mesmo existindo livros disponíveis e de fácil acesso, isso não garante por si só que surja a leitura como experiência de prazer e de conhecimento. É preciso também questionar a veracidade da palavra escrita.

Existe o mito em acreditar que tudo o que está registrado através da escrita é absoluto, verdadeiro e imutável.

Algumas pessoas são levadas muito facilmente a acreditar em tudo o que lêem, como se quem publicasse um livro fosse uma espécie de dono do saber. Infelizmente, não é bem assim. A

publicação às vezes é mais um jogo econômico, uma máquina de ganhar dinheiro, do que um depósito de cultura e saber (CAGLIARI, 1992, p. 175).

É nesse sentido que o desenvolvimento da criticidade é importante, pois ao leitor caberá discernir o que é bom, o que é real, o que é manipulação. Às vezes, nem tudo o que está escrito pode ser considerado certo. Enfim, o que a leitura vai acrescentar em termos de conhecimento para a difusão da informação crítica, é aquela que vai além da representação da realidade, levando o leitor a perceber como poderia transformar os valores e as práticas sociais.

Algumas informações tanto podem encobrir as contradições sociais, servindo à reprodução da ordem vigente ou podem produzir o conhecimento e a superação dessas contradições, favorecendo assim o processo de tomada de consciência por parte do povo e ajudando na construção de uma nova sociedade. Nesta direção, é relevante observar que:

[...] a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exige que os homens criem sua existência com um material que a vida lhes oferece. [...] conscientização não existe em "estar frente à realidade" assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da "práxis", ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética

constitui, de maneira permanente, o modo de ser de transformar o mundo que caracteriza os homens (FREIRE, 1980, p. 26).

As ideais aqui expostas sobre a leitura e conscientização permitem refletir que, de acordo com Silva (1991, p. 25): “Consciência é um atributo estritamente humano, que possibilita ao homem descobrir e alargar as suas representações do mundo”.

Ser consciente é poder estabelecer relações entre a parte e o todo, entre o particular e o universal, entre a causa e a consequência.

É a consciência que permite ao homem distanciar-se ou evidenciar o conteúdo de suas experiências e de suas representações, visando analisar e transformar esse conteúdo. É a consciência que diferencia radicalmente o homem do animal. O homem, ao contrário do animal, não se adapta simplesmente a um meio e sim procura transformá-lo, modificá-lo, construí-lo. O homem pensa, planeja e age, construindo o que imaginou, dando um sentido, um significado à sua existência.

Nesse contexto, a leitura é importante, se considerada como um mecanismo de conscientização no sentido de proporcionar um encontro entre o homem e a sua realidade sociocultural. Ou seja, a leitura deve servir de instrumento de integração

do indivíduo ao contexto socioeconômico e cultural em que vive. Vale ressaltar que a leitura deve servir como instrumento de conscientização não só para os alunos, mas também para os educadores.

A leitura deve se tornar um hábito para os alunos e uma obrigação para o educador, já que representa um instrumento de crescimento profissional. Sendo o educador um articulador do processo educacional, deve ter a leitura como sua principal ferramenta de trabalho para que possa, através dela, ampliar sua visão de mundo e suas interpretações da história. Em outras palavras, deve ser o educador um bom leitor e conceber a escola como um lugar natural de leitura. Se o educador não é um leitor assíduo, não se preocupa em adquirir conhecimentos e informações, não busca desenvolver seu senso crítico, não pode desenvolver essas atitudes em seus educandos.

Uma educação que objetiva transmitir apenas significados distanciados da vida concreta dos educandos não produz aprendizagem alguma. É necessário que os conceitos (símbolos) estejam em conexão com as experiências dos indivíduos. É um jogo entre o sentir e simbolizar. Este é o ponto fundamental no método de alfabetização do educador Paulo Freire - aprende-se a escrever quando as

palavras se referem às experiências concretamente vividas (FREIRE, 1987).

A importância do ato de ler na perspectiva proposta por Freire significa dizer não à leitura mecânica, à alfabetização mecânica. Não se trata apenas de decodificar a palavra escrita. É preciso interpretá-la, ler criticamente, e isso só é possível a partir do momento em que a escola parte da realidade do mundo do educando. Tal ideia é defendida por Freire, que vivenciou a experiência de ser alfabetizado observando o mundo à sua volta. Foi assim que Freire buscou, desde cedo, a compreensão do ato de ler. Está no fato de que o homem precisa ler o mundo, escrevê-lo e reescrevê-lo para tornar-se construtor da história. Significa compreender o texto criticamente, aprender seus significados.

É preciso observar que a visão transmitida pela escola é sempre uma visão determinada pelas classes dominantes. Não importa se as pessoas elaboram a sua visão de mundo partindo da concreta realidade onde vivem. O que interessa é que todos pensem iguais. Todos devem ver o mundo como querem os dominantes, para que a atual situação se mantenha inalterada. Se cada um começasse a formular o seu pensamento de acordo com a sua situação existencial, pode ser que descobrisse

determinadas verdades que o fizesse lutar pela alteração dessa situação.

Dessa forma, Freire (1980, p. 27) diz que: “a conscientização, como atitude crítica dos homens na história, não terminará jamais. Se os homens, como seres que atuam, continuam aderindo a um mundo ‘feito’, ver-se-ão submersos numa nova obscuridade”. De modo geral, muitas escolas não respeitam as diferenças, não oferecendo aos alunos os meios para que sua aprendizagem seja significativa. A escola é a entidade que tem por incumbência não apenas ensinar a ler, mas fazer com que o aluno adquira o hábito de leitura e não mais perca a condição de leitor. O ato de ler abre novas perspectivas para o leitor, permitindo-lhe posicionar-se criticamente diante da realidade.

Para tal situação Jolibert, (1994, p. 14) diz o seguinte: “[...] à criança se ensina a ler com a nossa ajuda, mas também com a ajuda dos pais e de todos os leitores encontrados”. É preciso esclarecer que cada criança possui seus próprios processos, suas etapas, seus obstáculos a vencer. Nesse sentido, ensinar é ajudar alguém em seus próprios processos de aprendizado. Assim sendo, é tarefa do professor proporcionar às crianças situações de leitura simultaneamente efetivas e muito diversificadas. Ajudar as crianças a

interrogarem o escrito: procura de sentido, hipóteses a partir de indícios e verificação, ajudá-los também, a elucidar suas próprias estratégias de leitura.

Uma preocupação que a escola deve ter é que não se lê para aprender a ler, mas sim por causa de um interesse imediato. Eis alguns exemplos de situações de leitura: ler para responder à necessidade de viver com os outros na sala de aula e na escola; ler para se comunicar com o exterior; ler para descobrir as informações das quais se necessita; ler para alimentar e estimular o imaginário; ler para brincar, para construir.

Os educadores devem garantir que os educandos se sintam motivados para aprender a ler. E isso inclui colocar a leitura como algo interessante, que os desafie, embora possam contar com a ajuda do professor. As crianças não aprendem espontaneamente, nem por si mesmas. Aprendem reflexivamente, quando alguém as coloca em situação de pensar, quando algo ou alguém as estimule, incentive.

Assim sendo, o educador é o protagonista da aprendizagem de seus alunos, devendo contemplar o conjunto bastante amplo de estratégias complementares que os alunos utilizam em sua aproximação com a leitura.

Os professores devem proteger-se e também proteger os seus alunos dos efeitos de programas e testes que podem convencê-los de que ler é algo sem sentido, sofrido e inútil, ao invés de ser algo satisfatório, útil e frequentemente divertido. Enquanto os professores não puderem impedir os alunos de se envolverem em atividades inúteis ou de se submeterem a testes ritualistas, eles poderão, pelo menos, explicar a diferença para as crianças. O desprazer pela leitura pode estar no ato de ler como uma forma para manter quieta a criança na sala de aula. Nesse sentido, a leitura torna-se uma atividade desagradável (SMITH, 1999, p. 139).

Buscar-se-á enfim, caminhar por veredas diferentes visando mostrar as possibilidades de se desenvolver o gosto pela leitura no contexto escolar. No entanto, tal tarefa não é somente da escola. A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) estabelece, no art. 2º da Lei nº 9.394/96, “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Nesse sentido:

Se a Educação em nosso país fosse tratada como deveria ser, se fosse levada a sério, a questão da leitura poderia estar melhor hoje. Os órgãos educacionais deveriam preocupar-se mais com a leitura do País, realizando campanhas em toda a sociedade, a fim de conscientizar os cidadãos para

o papel da leitura. Essa divulgação poderia ser por intermédio do rádio televisão, jornal, cinema. Será que daria certo ou seria utopia? Seria preciso colocar à frente dessas campanhas os profissionais da leitura e não as Angélicas e Xuxas (CONTIERO, 2001, p. 50).

Se houvesse uma política que privilegiasse a questão da leitura, o Brasil sairia da penúria, levando as pessoas à luta por seus direitos. Assim sendo, seria dado o poder da interpretação e da criticidade, habilidades estas desenvolvidas através da leitura.

## **5. IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL**

A Literatura Infantil é um recurso rico em informações, e nos oferece um método prazeroso e divertido de ensinar crianças da Educação Infantil lições variadas e importantes para uma vida toda. Para Abramovich (2008, p.1)

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com situações vividas com a ideia de conto, ou com jeito de escrever de um autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento [...].

A literatura infantil é um caminho que leva a criança a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa.

Reconhecer a importância da literatura infantil é incentivar a formação dos hábitos de leitura na idade em que todos os hábitos se formam, isto é, na infância. Neste sentido, o primeiro contato das crianças com a leitura é de fundamental importância para suas percepções futuras.

A literatura infantil em sala de aula, atualmente, tem o objetivo de formar cidadãos críticos e reflexivos, que possam transformar a realidade em que vivem. E através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outras épocas. Contar história para a criança é prazeroso e divertido. Pois sabemos que a criança é capaz de formular sua leitura de mundo a partir de sua percepção cognitiva.

Ler histórias para a criança, sem dúvida, é algo prazeroso, onde o adulto e a criança se divertem juntos porque histórias infantis são isso! É envolvimento, imaginação e é divertimento. Saímos do mundo real para o fictício dos contos de fadas e fábulas, que favorecem o desenvolvimento da personalidade da criança e contribuem para a ampliação de sua expressão verbal. Na concepção de Aguiar & Bordini (1993, p.14)

A obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo

pelo autor. Assim, não é um mero reflexo na mente, que se traduz em palavras, mas o resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. Essa interação se processa através da mediação da linguagem verbal, escrita ou falada (...).

Contar história em sala de aula desenvolve a criatividade, apreensão dos significados do mundo em que as crianças estão inseridas. A contação de histórias viabiliza esta interação colocando as crianças em confronto consigo mesma para distinguir o real e o imaginário. Não se pode negar que a literatura Infantil, com seus contos clássicos, poesias, lendas é uma grande aliada do educador no processo de aprendizagem da linguagem oral e escrita, e que deve estar presente na rotina diária dos alunos, pois é um momento mágico, que permite a ambos, professores e alunos, voarem nas páginas de um livro. Para André, (2004, p. 18)

A relação com o livro antes de aprender a ler auxilia a criança a torná-lo significativo como um objeto que proporciona satisfação. Isso ocorre porque, ao tocar, manusear, olhar alisar o livro e brincar com suas folhas e gravuras, a criança sente um prazer similar ao proporcionado por um brinquedo.

O livro infantil apresenta uma função lúdica expressa por meio do texto e das ilustrações

coloridas, entre outros aspectos constituindo-se um elemento de prazer. Compreende-se que o livro infantil é um importante instrumento de recreação e entretenimento para a criança é uma fonte inesgotável de formação e conhecimento.

Sem dúvida, os livros de literatura infantis são ricos em conhecimento de linguagem visual e escrita e não pode ser visto sem um olhar pedagógico, pois é um recurso indispensável a ser usado paralelo ao livro didático.

O uso da Literatura Infantil em sala de aula é um recurso que não deve faltar, pois estimula o cognitivo da criança. A contação de histórias infantis possibilita a crianças a recontar as histórias contada é um claro exemplo de função superior...

## **6. PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE ENSINO**

### **6.1 Tema e linha de pesquisa**

O Projeto de Ensino enfocará as possibilidades do conhecimento na alfabetização na Educação Infantil, tendo como linha de pesquisa a docência na Educação Infantil.

Dessa forma, o Projeto de Ensino envolverá atividades que possam ser trabalhadas de forma mais concreta na Educação para crianças.

## **6.2 Justificativa**

A escolha pelo tema se justifica por considerar a relevância da motivação da leitura na alfabetização.

## **6.3 Problematização**

Quando na escolha pelo tema, algumas questões suscitaram ainda mais a necessidade em abordar o letramento na Educação Infantil:

Como as crianças podem ser letradas juntamente com o processo de alfabetização?

O letramento não envolve apenas palavras, mas imagens, vídeos e outros recursos em que a criança compreende o que vê?

## **6.4 Objetivos**

O objetivo geral deste projeto é indicar as possibilidades de trabalhar a leitura de forma gradual na alfabetização infantil, de maneira a que se torne um hábito.

Outros objetivos são: trabalhar o letramento através de leituras de histórias para as crianças; resgatar a realidade de forma menos complexa para

o aluno da Educação Infantil, para que faça referências do seu aprendizado com a sua vida.

### **6.5 Conteúdos**

Leitura de textos;

Leitura de imagens

### **6.6 Processo de Desenvolvimento**

No 1º dia, os alunos entram na sala e a professora os ajuda a organizar a sala em grupos.

Inicialmente são distribuídos diversos textos/poesias para os alunos, que leiam silenciosamente e depois em voz alta para toda a turma.

Após a leitura entornada e em voz alta, os alunos são distribuídos em grupos de 4 componentes.

Cada grupo recebe uma parte da poesia “O colar de Carolina” e a professora a lê.

A professora pede para que o grupo apresente a sua estrofe aos colegas e, em seguida construa um painel sobre o que conseguiu refletir a partir da leitura do poema.

Os alunos observam os painéis e falam o que perceberam, em forma de debate.

Por fim, realizam atividades de interpretação de texto.

No segundo dia, alunos e professora continuam a trabalhar o mesmo texto da aula do dia anterior.

A professora cumprirá todas as atividades de rotina. E entregará uma quantidade suficiente de massinha de modelar.

Em seguida, solicitará às crianças que modelem os personagens da história e depois receberá de cada uma a sua obra.

Após a execução da atividade, a professora colará num papel cenário cada boneco criado e pedirá para as crianças indicarem suas características e criarem um nome para o que modelaram.

Por fim, o papel será colado na parede e as crianças receberão tinta guache e pincel para coletivamente criarem um cenário para os personagens.

No último dia do projeto, a turma, após a rotina diária, desenvolverá, com a professora, um passeio e piquenique na praça da cidade. Mas os alunos não irão sozinhos, o responsável irá acompanhá-los.

Esta atividade encerra o projeto, proporcionando liberdade aos alunos, como ocorreu com a "Carolina".

## 6.7 Tempo para A Realização do Projeto

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO
LEVANTAMENTO DA LEITURA	X	X		
MONTAGEM DO PROJETO	X	X		
COLETA DE DADOS		X		
ELABORAÇÃO DO TRABALHO FINAL			X	
ENTREGA DO TRABALHO			X	
APRESENTAÇÃO				X

## 6.8 Recursos Humanos e Materiais

Recursos humanos: professoras e alunos da Educação Infantil,

Recursos materiais:

- Material pessoal dos alunos;
- Textos;
- Material para confecção de painel.

## **6.9 Avaliação**

Serão avaliadas as atividades em que os alunos participarem, mas sem notas, apenas através de sua participação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo, percebeu-se que desenvolver o gosto pela leitura não é tarefa fácil, pois, além da leitura ser uma atividade complexa, os professores, hoje, ainda se depara com uma série de fatores que contribuem para dificultá-la ainda mais o seu trabalho como: o social, o afetivo, o biológico e também o próprio professor que, muitas vezes, ignora o real valor da leitura para o desenvolvimento social, intelectual e mesmo pessoal do indivíduo.

Percebe-se que ainda hoje alguns professores trabalham a leitura como atividade de repetir palavras ou simplesmente decodificar os símbolos, não se importando de atribuir a ela sua verdadeira importância.

Se for considerado o motivo pelo qual o homem iniciou a atividade de ler, nota-se que não procede considerar leitura apenas a decifração do código escrito, pois, desde seu surgimento essa atividade sempre teve como objetivo a comunicação. E não se comunica aquilo que não se entende, por isso, afirmar que a leitura em decifrar símbolos é um equívoco.

Portanto podemos dizer que ser alfabetizado é muito mais que ser decifrador de códigos, é ser capaz de decifrar o mundo, pois, através da leitura

é que a criança conhece a realidade que a cerca, ou seja, o seu mundo exterior.

Vê-se então, a necessidade de o professor ao trabalhar a atividade de leitura, desenvolver na criança o gosto de ler, pois, podemos dizer que a escola, ainda, é considerada o espaço responsável para desenvolver na criança o prazer de ler, por isso, cabe ao professor, utilizar todos os recursos para desenvolver na criança a alegria de ler, assim ela estará realmente fazendo o seu papel social que é formar cidadãos críticos e componentes e só através da leitura se chegará a isso.

Durante a fase de alfabetização é relevante que a sala tenha muitos exemplares de literatura infantil, para que a criança se sinta íntima desse recurso e fique à vontade para ler e folhear cada exemplar.

As atividades envolvendo a leitura precisam ser constantes e diárias, para que não se perca o hábito e para que vire uma rotina prazerosa.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96. 1998.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Ática, 1992.

COLELLO, S. M. G. & SILVA, N. "Letramento: do processo de exclusão social aos vícios da prática pedagógica". Disponível em: <<http://hottopos.com/videtur29/silvia.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

COLOMER, Tereza & CAMPS, Anna. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CONTIERO. D. **O trabalho docente na pré-escola: Revisando Teorias, Descortinando Práticas**. São Paulo: Pioneira, 2001.

CONVENÇÃO COLETIVA DE TRABALHO 2014/2015: Salário Mínimo Rural. Disponível em: <http://www.sruraldelinhares.org.br/convencao/Convencao-2014-2015.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2016

CUNHA, Vera Lúcia Orlandi. **Perfil de escolares do 3.º ao 5.º ano do ensino fundamental I em compreensão de leitura: elaboração de instrumento avaliativo**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2012.

DESCARDECI, T. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio:** o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRO, E. **A psicogênese da língua escrita**, Porto Alegre: Artmed, 1985.

\_\_\_\_\_. **O ato de ler evolui.** Entrevista. In: Revista Nova Escola. 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler.** 38. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 50. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização:** leitura da palavra leitura do mundo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. **Conscientização:** teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GARCIA, J. N. **Manual de dificuldades de aprendizagem, linguagem, leitura, escrita e matemática.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GÓMEZ, A. I. P. A aprendizagem escolar: da didática operatória à reconstrução da cultura na sala de aula. In: SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino.** 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

JOLIBERT, A. **Uma história da escrita**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

JORM, A. F. **Psicologia das dificuldades em leitura e ortografia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas, SP: Pontes, 2004

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, M. C. C. **Pesquisa crítica de colaboração: escolhas epistemometodológicas na organização e condução de pesquisas de intervenção no contexto escolar**. In: MAGALHÃES, M. C. C.; FIDALGO, S. S. (Orgs.). **Questões de Método e de Linguagem na Formação Docente**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011a, p. 13-40

MINAS GERAIS. **Série Lições de Minas. Tempo Escolar: Hora de Refletir e Organizar**. Belo Horizonte. Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais. V.III. Nov. 1999.

PORTUGAL, G. **Crianças, Famílias e Creches, uma abordagem ecológica da adaptação do bebê à creche**. Porto: Porto Editora, 1998.

RIBEIRO, L. **Para casa ou para sala?** São Paulo: Didática Paulista, 1999.

SILVA, J. P. da. **Filologia é o estudo da língua na literatura. A visão de J. Mattoso Câmara Jr.** In: **América Latina y lo Clásico**. Santiago de Chile:

Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación - Facultad de Historia, Geografía e Letras, 1991.

SILVA, R. H. P. da. **Alfabetização: características das etapas da leitura e da escrita.** CPOEC. Porto Alegre, nº 42, abril a junho de 1995.

SILVA, E. T. da. **Leitura & realidade brasileira.** Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** Tradução: Cláudia Schilling. 6.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SOUSA, Ellis Regina Vasconcellos de. **O ensino da leitura e escrita no ensino fundamental e sua contribuição na formação de conceitos científicos.** Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia) Universidade do Estado do Amazonas, 2011.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização.** 6.ed. São Paulo: Cortez, 1995.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

**WEISZ, T. O Diálogo entre o ensino e a aprendizagem. 2.ed. São Paulo: Ática, 2000.**

## CAPÍTULO 4

### **A PERCEÇÃO DOS PAIS SOBRE A EQUOTERAPIA EM CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUSTISTA (TEA)**

PARENTS' PERCEPTION ABOUT RIDING THERAPY IN CHILDREN  
DIAGNOSED WITH AUSTIST SPECTRUM DISORDER (ASD)

## **RESUMO**

A Equoterapia é vista como um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento de pacientes diagnosticados com deficiência e/ou de necessidades especiais, pacientes com algum tipo de transtorno entre outros (AGUIAR, SILVA.2008). O presente estudo se caracteriza por uma pesquisa de campo, o qual teve como foco observar e relatar a contribuição e os benefícios da equoterapia em crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) de cinco a dezesseis anos conforme delimitado para realização da pesquisa. O tema de pesquisa é muito valido pois não se tem muitos estudos que vinculem a equoterapia e o TEA, através da pesquisa aqui analisada foi possível observar os benefícios no contato visual, na interação social e fala, no brincar, no afeto, no contato com animais e no desenvolvimento motor, trazidos para os indivíduos que praticam a equoterapia. Tendo em vista que todos os casos analisados já apresentavam mudanças após algumas sessões, as quais ocorriam uma vez por semana. Para que chegássemos a estes fatos a percepção dos cinco pais foi de extrema importância pois são eles que tem o maior convívio com os filhos.

**Palavras-chave:** Equoterapia. Autismo. Crianças. Pais.

## **ABSTRACT**

Hippotherapy is seen as a therapeutic and educational method that uses the horse within an interdisciplinary approach, in the areas of health, education and riding, seeking the development of patients diagnosed with disabilities and/or special needs, patients with some type of disorder. among others (AGUIAR, SILVA.2008). This study is characterized by a field research, which focused on observing and reporting the contribution and benefits of hippotherapy in children diagnosed with Autistic Spectrum Disorder (ASD) from five to sixteen years old, as defined for the research. The research topic is very valid as there are not many studies linking hippotherapy and ASD, through the research analyzed here it was possible to observe the benefits of eye contact, social interaction and speech, playing, affection, contact with animals and motor development, brought to individuals who practice hippotherapy. Bearing in mind that all analyzed cases already showed changes after a few sessions, which occurred once a week. For us to arrive at these facts, the perception of the five parents was extremely important because they are the ones who have the greatest contact with their children.

**Keywords:** Hippotherapy. Autism. Children. Parents.

## 1. INTRODUÇÃO

Atualmente pode-se ver que os métodos terapêuticos que são utilizados para tratamento psicológicos estão se modificando, assim tomando outras formas além da forma tradicional de terapia consultório/paciente. É possível notar que a terapia vem ganhando novos olhares e espaços, uma delas é a terapia com animais que se trata de um novo modelo terapêutico e dentro dela vemos a Equoterapia que vem crescendo nos últimos tempos e trazendo grandes benefícios para a área da Psicologia e aos pacientes que estão inseridos em diversos tratamentos (SILVA, 2019).

O presente artigo foi realizado como trabalho de conclusão de curso, o qual utilizou como instrumento de pesquisa uma entrevista realizada com o foco na percepção dos pais sobre a equoterapia em seus filhos, os quais são diagnosticados com o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Segundo Ande-Brasil (1999) a equoterapia é um método terapêutico e educacional, a qual é definida pela utilização de cavalos em sua abordagem interdisciplinar, na área da saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial dos indivíduos que a praticam. Esta modalidade ainda contribui com o

paciente dentro de uma visão global do seu desenvolvimento, por isso a importância de se ter uma equipe interdisciplinar integrada.

A pesquisa teve como objetivo desvendar quais contribuições a equoterapia pode trazer para as crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), o qual segundo o DSM-5 Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2000), é definido como um transtorno do neurodesenvolvimento, sendo caracterizado por dificuldades de interação social, comunicação e comportamentos repetitivos e restritos. O estudo se caracteriza por uma pesquisa de campo, que teve como foco observar e relatar a contribuição e os benefícios da equoterapia em crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) de cinco a dezesseis anos conforme delimitado para realização da pesquisa.

## **2. REFERENCIAL**

### **2.1 A equoterapia**

A Equoterapia é um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento de pacientes portadoras de deficiência e/ou de necessidades especiais, pacientes com algum tipo de transtorno entre outros (AGUIAR, SILVA.2008).

O termo Equoterapia foi implantado no Brasil em 1989 pela ANDE-BRASIL e registrado em 26 de Julho de 1999 no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) do Ministério do Desenvolvimento, da Indústria e do Comércio e é usado para referirem-se as atividades que usam o cavalo como um instrumento terapêutico (ANDE-BRASIL, 1999).

Segundo o estudo de Silva (2019), o significado da equoterapia, é a cura através do cavalo, pois para que haja a reeducação terapêutica, são utilizados movimentos oriundos do lombo do animal, esse método é usado para qualquer idade ou deficiência, sendo ela mental ou física. Acredita-se que a equitação psicoterápica tem como característica principal a utilização da técnica de domínio corporal, como o relaxamento, não se limitando apenas às trocas verbais.

## **2.2 A psicologia na equoterapia**

Segundo Gimenes e Andrade (2004), a atuação do psicólogo nesse modelo de tratamento começa com a triagem dos profissionais e atende diretamente as pessoas com determinadas deficiências ou transtornos. No processo de triagem, além do uso de medicamentos antipsicóticos e das observações pessoais, familiares e sociais do paciente, as discussões com os familiares também são conduzidas para observar as atividades diárias dos deficientes, medicamentos e alterações que possam ter propriedades hormonais e possivelmente um comportamento instável do paciente.

De acordo com pesquisa da Associação Nacional de Equoterapia-ANDE-BRASIL (1999), a psicologia acredita que a equoterapia é importante porque desencadeia sentimentos e comportamentos diversos. Comportamentos estes que o psicoterapeuta irá trabalhar utilizando o cavalo como agente facilitador. O psicólogo em relação ao praticante irá trabalhar vários parâmetros, sendo um deles a dimensão emocional do mesmo, irá levar em consideração sentimentos e comportamentos reprimidos.

Ao estabelecer contato com sua família, ele se dedicará a lidar com as emoções relacionadas à família tratada. O foco principal do tratamento não

é apenas melhorar a qualidade de vida dos pacientes, mas também melhorar a qualidade de vida de seus familiares. Já com a equipe a relação entre eles e o psicólogo é de traduzir o padrão de funcionamento mental do praticante e as implicações e decorrências nos aspectos social, familiar e pessoal, elaborando juntamente com toda a equipe um plano de tratamento (JANIRO, 2015).

A equitação tem contribuído muito para o trabalho de psicólogos e de muitos outros profissionais da área da saúde, pois pode ajudar os pacientes a solucionar problemas sociais, reduzir as agressões, ajudá-los a se entender, buscar ajuda, desenvolver sua autoestima e se adaptar. Grupos novos e diferentes aceitam as limitações dos outros e suas próprias limitações. (CHIEPPA, 2002).

A equoterapia tem ganhado cada vez mais espaço no campo da psicologia porque seus benefícios são comprovados dia a dia, o que comprova a melhora motora, psíquica, cognitiva entre outras dos pacientes, é partindo destas comprovações que vem a importância dela ser estudada mais a fundo (GIMENES E ANDRADE, 2004).

### **2.3 Identificando o Transtorno do Espectro Autista (TEA)**

Os pais de crianças com TEA são os melhores candidatos para identificar sinais de autismo, isso

porque eles conhecem seus filhos melhor do que ninguém e podem observar seu comportamento todos os dias. O autismo envolve vários atrasos no desenvolvimento, por isso é importante entender se seu filho atingiu marcos sociais, emocionais e cognitivos importantes (NEUROSABER, 2020).

É necessário deixar claro que o atraso no desenvolvimento não é necessariamente um sinal de autismo, mas pode ser um motivo pra ficar atento. Cada criança cresce em uma velocidade diferente, por isso não há problema se a criança demorar um pouco para falar ou andar, mas se houver um grande atraso pode ser um sinal (NEUROSABER, 2020).

Embora seja difícil concluir o diagnóstico antes dos 2 anos de idade, os primeiros sinais geralmente aparecem entre os 12 e 18 meses. Os sintomas iniciais do autismo incluem a falta de comportamentos típicos que podem ser difíceis de detectar, em alguns casos, os sintomas iniciais podem ser interpretados como características do bebê porque ele pode parecer quieto, independente e pouco exigente (NEUROSABER, 2020).

No entanto, é necessário levantar a suspeita de autismo em casos de bebês que não respondem aos abraços, não estendem a mão ou não olham para a mãe durante a amamentação. Conforme as crianças crescem, os sinais de autismo se tornam mais diversos. Eles geralmente se manifestam com

habilidades sociais prejudicadas, dificuldades na linguagem, comunicação não verbal e comportamento inflexível (NEUROSABER, 2020).

#### **2.4 Diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA)**

Segundo NeuroSaber (2020), o DSM-5 Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o autismo é definido como um transtorno do neurodesenvolvimento, o qual é caracterizado por dificuldades de interação social, comunicação e comportamentos repetitivos e restritos. Para o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) essas três características são fundamentais para o diagnóstico, mas pode-se dizer que os sintomas variam de caso a caso, esses elementos são decisivos para realizar o diagnóstico de autismo.

Os sinais do TEA já podem ser notados antes dos três anos de vida da criança, mesmo assim muitas crianças são diagnosticadas tardiamente, muitas vezes isso ocorre por desinformação ou resistência da família e dos médicos. No DSM 5 podemos ver que são observados nas crianças com TEA déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos (NEUROSABER, 2020).

Para analisar indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), alguns esboços e considerações são necessários, em alguns casos, é

difícil completar o método, então deve-se continuar analisando atitudes e comportamentos anormais em diferentes situações pode levar a diagnóstico mais conclusivo. O profissional deve estar ciente de que indivíduos com TEA não são fáceis de se adaptar a novidades em sua rotina, por isso a avaliação diagnóstica deve ser o mais próximo possível do seu dia a dia, a falta de correlação comportamental é uma das características do diagnóstico de decisão (TEA) (NOGUEIRA e IDROBO, 2018).

Segundo Nogueira e Idrobo (2018, p. 5):

De acordo com o DSM-V, os autistas proporcionam moldes adstritos e periódicos de comportamento, empenhos e veemências, explanados ao menos de duas das seguintes situações:

1. Conduta verbal ou motora estereotipada ou incomum;
2. Exagerada adesão a hábitos e rotinas padronizadas e/ou ritualizadas;
3. Interesses austeros, preciso e pujante.

Muitas pessoas com autismo têm padrões de ritualização e repetição, e muitas delas têm sentimentos por coisas que as crianças fora do espectro não tem interesse algum. Por exemplo, alinhar (brinquedos) deixando eles sincronizados, montar e depois desmontar o quebra-cabeças, girar uma pedra na mão ou repetir frases de filmes em momentos diferentes, esses são os comportamentos mais comuns dos indivíduos com TEA. Pode-se

observar que eles usam os dedos e membros superiores para manter posturas artificiais, dessa forma fazendo rituais em seu dia a dia (NOGUEIRA E IDROBO, 2018).

O Transtorno do Espectro Autista é categorizado em três níveis diferentes, para se ter um diagnóstico é necessário identificar em que nível a criança com TEA se encaixa, pois através disso a gravidade dos sintomas e o nível de suporte necessário para as atividades cotidianas ficam mais evidentes (NEUROSABER, 2020).

As pessoas no nível um apresentam sintomas menos graves, o qual é denominado como autismo leve. No autismo leve as pessoas podem ter dificuldades em situações sociais, comportamentos restritivos e repetitivos, como ele é o nível mais leve as pessoas que se enquadram nele requerem apenas um suporte mínimo para ajudá-las em suas atividades do dia a dia (NEUROSABER, 2020).

No nível dois do autismo as pessoas precisam de mais suporte do que as com autismo leve, esse é o nível intermediário do autismo, no que se refere à gravidade dos sintomas e à necessidade de suporte. Em comparação com o nível 1, eles geralmente têm mais dificuldades em habilidades sociais e situações sociais. Eles podem ou não se comunicar verbalmente e, se puderem, suas conversas podem ser curtas ou apenas focar em tópicos específicos.

Portanto, eles podem precisar de apoio para participar de eventos sociais (NEUROSABER, 2020).

O comportamento não verbal de pessoas com TEA nível 2 pode ser mais atípico, elas podem não olhar para a pessoa com quem estão falando, podem não fazer muito contato visual e não expressar emoções por meio da voz ou de expressões faciais. O comportamento dos pacientes com autismo moderado é restritivos e repetitivos, e sua gravidade é maior do que a dos pacientes com autismo leve. Da mesma forma, gostam de manter rotinas ou hábitos, se interrompidos podem causar desconforto e / ou perturbação (NEUROSABER, 2020).

Pessoas com autismo nível 3 precisam de muito apoio pois esta é a forma mais séria de TEA, pessoas com autismo grave apresentam grandes dificuldades de comunicação e habilidades sociais e comportamentos restritos e repetitivos, que dificultam sua atuação independente nas atividades diárias. Embora algumas pessoas com TEA nível 3 possam se comunicar verbalmente, muitas pessoas não conseguem falar ou usar muitas palavras para se comunicar (NEUROSABER, 2020).

Geralmente os autistas não respondem bem a eventos inesperados, podem ser mais ou quase insensíveis a certos estímulos sensoriais e ter comportamentos restritivos e repetitivos, como balanço e ecolalia. Pessoas com autismo severo

precisam de muito apoio para aprender habilidades importantes na vida diária (NEUROSABER, 2020).

O diagnóstico do autismo é clínico e deve ser diagnosticado por profissionais especializados, observando a criança e conversando com os pais e familiares. No primeiro ano de vida, alguns sinais físicos podem ser encontrados, como contato visual insatisfatório, nenhum jargão ou gestos sociais e não responder pelo nome quando chamado (NEUROSABER, 2020).

Os pais podem observar pouco interesse em compartilhar objetos e dificuldade em desviar o foco em atividades que interessa à criança. Problemas de sono também são uma característica muito comum no autismo, incluindo seletividade alimentar, medo excessivo e hipersensibilidade a certos ruídos ou estímulos. O diagnóstico geralmente é feito quando a criança já está na escola, e o papel do professor é fundamental para identificar sinais que possam indicar autismo (NEUROSABER, 2020).

Outros sinais relevantes de diagnóstico do TEA são uma preferência excessiva por certos objetos, texturas, cores ou jogos. Engatinhar, andar, falar e até mesmo o retorno da fala podem ter um atraso de 1 a 2 anos. O médico especialista fará o diagnóstico a partir da conversa com os pais e da observação desses sintomas, que estão

organizados no DSM-V. Não há exames laboratoriais para confirmar o autismo, e o diagnóstico clínico pode ser feito pela observação da criança em diferentes ambientes (NEUROSABER, 2020).

Atualmente o autismo é definido como um conjunto de sintomas de base orgânica, com implicações neurológicas e genéticas, o autismo é uma área de intenso interesse, em que diferentes estudos se estabelecem e promovem desde alterações conceituais até modificações terapêuticas de fundamental importância (TEIXEIRAS, 2018).

### 3. MÉTODO

A pesquisa teve início após a definição do tema, pois o mesmo foi a junção de dois fatores, os quais chamavam atenção da pesquisadora desde o início da graduação, por conta do convívio com seu avô, o qual proporcionou afinidade e interação com cavalos desde sua infância. Em seguida com um levantamento de dados foi possível desenvolver uma entrevista composta por treze perguntas, as mesmas foram avaliadas por três psicólogos e professores profissionais do Centro Universitário Vale do Iguaçu, após a aprovação do protocolo número 2021/058 no Núcleo de Ética e Bioética (NEB), a entrevista foi aplicada em cinco pais de crianças diagnosticadas com TEA os quais se encaixavam no assunto, a mesma foi aplicada de forma remota através do aplicativo whatsapp e da plataforma Google meet.

O artigo foi realizado através de uma pesquisa qualitativa tendo a entrevista como meio de coletar dados dos pais das crianças diagnosticadas com TEA, os quais praticam a equoterapia a um ano ou mais. Através dela foi possível descrever e analisar com a teoria descrita nesse artigo as percepções trazidas pelos pais sobre a equoterapia no período em que a criança estava participando, tendo assim olhares diferentes sobre o mesmo processo.

Para o início da pesquisa, primeiramente, a psicóloga Mônica Cunha Aguiar a qual foi docente na instituição, a mesma é mãe e participa de um grupo com pais de crianças diagnosticadas com TEA desde que seu filho foi diagnosticado, ela expôs a pesquisa para assim ver se eles gostariam de participar. Dessa forma, os pais que demonstraram interesse permitiram que a mesma compartilhasse com a pesquisadora seus números de whatsapp. Após a permissão a pesquisadora entrou em contato com os pais, nesse contato inicial foi informado o tema da pesquisa e se teriam interesse em participar da entrevista. Após essa conversa com quatro famílias aceitaram participar sendo eles um casal (pai e mãe), duas mulheres(mães) e um homem (pai), dos filhos dois tinham cinco anos um com sete e outro com dezesseis anos.

Nesse primeiro contato via *whatsapp* foi explicado a cada participante, que os dados coletados neste estudo eram para uso científico o qual não teria exposição de nomes dos participantes que colaboraram com a mesma, uma das entrevistas foi realizada via *meet* e as outras via *whatsapp*, sendo assim uma escolha de cada participante, as entrevistas foram gravadas com a autorização dos participantes, para uma melhor análise de dados.

Para verificar o conteúdo descrito nas entrevistas utilizadas na conversa com os

indivíduos, é disponibilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando a utilização dos dados fornecidos pelos participantes e permitindo que o processo de gravação da entrevista seja autorizado mediante assinatura do termo de consentimento. Em conversa com os participantes, cada um escolheu o dia e horário o qual estaria disponível para aplicação da entrevista.

A entrevista foi realizada de forma semiestruturada, foi desenvolvida com perguntas abertas e fechadas para uma maior obtenção de dados, de uma forma mais acessível e objetiva, tendo um melhor entendimento na interpretação da pessoa que irá participar, tendo um aproveitamento maior do que a pessoa relatar, após a coleta desses dados, foi analisado para uma melhor compreensão dos resultados dessa pesquisa, usando como material as gravações da entrevista.

#### 4. DISCUSSÃO

A partir das entrevistas realizadas com as quatro famílias, as quais serão caracterizadas durante a discussão como F1, F2, F3 e F4, foi possível observar relatos semelhantes entre eles, primeiramente para a análise visamos nas características e comportamentos anteriores a realização da equoterapia, os quais demonstravam pouca interação familiar e social tendo como característica a dificuldade na interação social e na fala, pode-se notar que os filhos não falavam quase nada além de não gostar de ter contato com outras pessoas a não ser a família.

O autismo é uma doença que prejudica as habilidades de comunicação e linguagem. Crianças com TEA têm dificuldade em perceber eventos comuns, expressar seus sentimentos ou pensamentos nas mais diversas situações, por meio de palavras baseadas no contexto e outras características que afetam seu desenvolvimento geral (NEUROSABER, 2015).

Por conta da dificuldade na interação social os pais relataram alguns comportamentos vistos em seus filhos os quais eram todos semelhantes, sendo eles não gostar de estar com outras pessoas. F4 relatou que ele usava os pais como ferramenta para obter o que desejava, por conta de não falarem quase nada não conseguiam formar frases completas, dessa

forma os pais acabavam sofrendo por não conseguirem interpretar o que seu filho estava tentando dizer.

Muitas crianças com autismo não suportam certos ruídos, luzes, pessoas, cores ou o ambiente. Por outro lado, podem ter dificuldade em identificar pessoas, explicar a função do brinquedo, seguir as regras ou mudar suas rotinas. Quando os pais tentam mudar sua rotina ou levam as crianças para um local com outras pessoas isso acaba as desestabilizando acarretando comportamentos indesejados ((NEUROSABER, 2015).

Durante a entrevista F1 relatou que em determinados lugares a criança ficava nervosa e acabava se autoagredindo e também agredindo os pais na tentativa de fazer eles voltarem para casa, F1 pontuou que seu filho apresentava uma dificuldade sensorial pois não conseguia pegar em nada além de cair muito e esbarrar em tudo.

Outra característica vista em todos os relatos dos pais era a dificuldade no contato visual dos filhos, em todos eles não havia conato na hora da interação e durante a comunicação com os pais, as crianças com autismo se sentem desconfortáveis quando expostas a muitos estímulos sociais e é difícil prestar atenção na fala e nos olhos das pessoas ao mesmo tempo. O contato visual pode ser tão intenso e opressor que elas se sentem oprimidas,

estressadas por isso evitam o contato (NEUROSABER, 2021).

Para melhor análise é devemos observar o quadro 1 o qual nos mostra quais as características foram relatadas pelas quatro famílias antes da equoteria, dessa forma possível ver claramente a semelhança entre os casos de cinco a dezesseis anos.

**Quadro 01:** *Características apresentadas antes da equoterapia.*

	<b>Apresenta Dificuldade</b>				<b>Não apresentam Dificuldade</b>			
<b>Na interação social</b>	<b>F1</b>	<b>F2</b>	<b>F3</b>	<b>F4</b>				
<b>Na interação familiar</b>	<b>F1</b>	<b>F2</b>	<b>F3</b>	<b>F4</b>				
<b>Na comunicação</b>	<b>F1</b>	<b>F2</b>	<b>F3</b>	<b>F4</b>				
<b>No contato visual</b>	<b>F1</b>	<b>F2</b>	<b>F3</b>	<b>F4</b>				
<b>Dificuldade sensorial</b>	<b>F1</b>	<b>F2</b>	<b>F3</b>	<b>F4</b>				

**Fonte:** A autora 2021.

Através das entrevistas foi possível ver claramente os benefícios trazidos pela equoterapia, os entrevistados relataram que seus filhos participavam da equoterapia entre um há dois anos, e que a cada sessão eles conseguem ver a evolução deles. Eles souberam da existência da equoterapia através de médicos e da APAE após seus filhos serem diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Segundo Ande-Brasil (1999) a equoterapia é um método terapêutico e educacional, a qual é definida pela utilização de cavalos em sua abordagem interdisciplinar, na área da saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial dos indivíduos que a praticam. Ela ainda contribui com o paciente dentro de uma visão global do seu desenvolvimento.

Após a participação na equoterapia F1, F2, F3 e F4 relataram que a primeira mudança visível foi na interação social com eles e em meio a sociedade, eles observaram que seus filhos se tornaram mais comunicativos e por isso hoje gostam de participar dos momentos em família, tais fatos os fez verem que eles se tornaram mais alegres por conta dessas interações.

As mudanças na fala foram vistas após apenas três meses na equoterapia, as famílias observaram a busca deles tentarem aprender novas palavras e novos meios de se comunicar, no caso da F3 a adolescente de 16 anos passou a gostar de conversar com outras pessoas e de sair de casa mais vezes.

A semelhança entre eles foi vista no aumento do vocabulário, em falas mais funcionais como a tentativa de formar frases completas. Durante as brincadeiras dos filhos todas as famílias conseguiram ver que hoje eles cantam, gritam, resmungam e correm por toda a casa, essas mudanças

de comportamentos foram observados após a participação na equoterapia.

O contato visual não existia antes da equoterapia, o primeiro avanço visto pelos pais foi o olhar para os animais durante as atividades, através da interação com os profissionais durante o processo seus filhos começaram a olhar quando eram chamados, a ter um contato visual durante os diálogos. Os pais pontuaram que é de extrema importância a família também estimular a criança em casa para que ela evolua e não acabe regredindo.

Por conta da pandemia do COVID-19 os pais não conseguiram descrever se houve benefícios na interação com colegas e professores, mas acreditam que haveria uma evolução maior tendo contato com outras pessoas. Em relação a interação ao brincar as famílias descreveram que a principal mudança foi não brincar apenas em um lugar, eles observam os filhos em vários lugares da casa brincando.

Todos os pais relataram que os filhos passaram a ter contato com texturas que não gostavam como a areia, serragem e tocar nos animais para sentir o pelo, os mostraram interesse em aprender novas brincadeiras como jogar bola e jogar argolas (brincadeira realizada durante o período que a criança está em cima do cavalo), sendo esses brincadeiras realizadas durante a equoterapia.

Antes da equoterapia os pais não viam qualquer interesse de seus filhos em ter interação com animais pois eles não gostavam, após algumas sessões esse comportamento mudou eles passaram a gostar do contato, a querer alimentar os animais e buscavam aprender seus nomes, eles relaram que depois acabaram obtendo algum bicho de estimação para estimular seus filhos em casa.

Em relação a demonstração de afeto e amor pode-se notar que os filhos passaram a ter um troca de carinho com os pais (pai, mãe) e animais, pois antes eles não gostavam do toque de outras pessoas, os pais descreveram ver um desenvolvimento na afetividade de seus filhos, onde eles passaram a gostar de sentir as pessoas através de seu tato (passar a mão e abraçar), um fator que chamou atenção foi a mudança no sorriso durante a equoterapia, F1 descreveu tal comportamento como sorrisos e gargalhadas verdadeiras sem serem forçadas.

No desenvolvimento motor e sensorial foi vista uma similaridade na percepção de F1, F2, F3 e F4, eles observaram benefícios no fortalecimento muscular o que ajudou na melhora do equilíbrio de seus filhos, o processo de ficar em pé em cima da cela do cavalo ajudou eles a não andar nas pontas dos pés além de melhorar a coordenação motora durante as atividades.

Perante a análise aqui realizada pode-se dizer que os objetivos almejados para essa pesquisa foram alcançados, os quais eram analisar a percepção dos pais de participantes da equoterapia, tendo como foco as melhoras no desenvolvimento da criança com TEA, além de verificar quais os benefícios emocionais, sociais e motores procedentes que a equoterapia traz ao desenvolvimento da criança com TEA. Pode-se destacar que a equoterapia trouxe para os participantes aqui descritos vários benefícios sendo eles uma melhora na interação social e familiar, na comunicação, no contato visual e uma melhora sensorial.

## CONCLUSÃO

Através da pesquisa analisada no presente artigo é possível ver claramente os benefícios trazidos para os indivíduos que praticam a equoterapia, tendo em vista que em todos os casos os filhos já apresentavam mudanças após algumas sessões, as quais ocorriam uma vez por semana. Para que chegássemos a esses resultados descritos a percepção dos pais foi de extrema importância pois são eles que tem o maior convívio com os filhos.

Os pais de crianças com TEA são os melhores candidatos para reconhecer os sinais de autismo porque conhecem seus filhos melhor do que ninguém e podem observar seu comportamento todos os dias. Dessa forma eles formaram uma percepção similar sobre as mudanças nas características e comportamentos após colocarem seus filhos na equoterapia.

Por meio da análise de dados é possível observar a melhora em vários aspectos, os quais são destacados como as características principais no autismo, são elas a dificuldade de interação social, no contato visual, na comunicação, comportamentos repetitivos e restritos e podem apresentar dificuldades no desenvolvimento motor.

Em todos esses aspectos foram observadas mudanças positivas as quais possibilitaram uma

maior interação entre pais e filhos e também de seus filhos em meio a sociedade, tais mudanças ocasionaram em uma maior troca de afeto entre eles o que antes era muito pouco, na melhora da fala o que ajudou no desenvolvimento no contato visual o qual não existia antes, nos relatos dos pais foi possível ver que os filhos passaram a expandir as brincadeiras e se restringe mais a apenas um brinquedo e a um lugar.

Mediante a análise é possível destacar a contribuição no desenvolvimento motor dos praticantes da equoterapia, as famílias perceberam que o tronco era fortalecido a cada sessão, o que ajudou a melhorar a mobilidade de seus filhos, deu uma maior estabilidade dessa forma eles aprenderam a controlar suas habilidades.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Oscar Xavier, SILVA, Josefina Pereira. EQUOTERAPIA EM CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS. REVISTA CIENTÍFICA ELETÔNICA DE PSICOLOGIA – ISSN: 1806-0625. Ano VI – Número 11 – Novembro de 2008 – Periódicos Semestral. Disponível em:[http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/pMX6nTKTbW28ch4\\_2013-5-13-12-35-25.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/pMX6nTKTbW28ch4_2013-5-13-12-35-25.pdf) Acesso em 17 de Set. de 2021.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA. ANDE-BRASIL. Curso básico em extensão em equoterapia. Resumos. ANDE-Brasil: Brasília, 1951. Disponível em: [http://equoterapia.org.br/articles/index/article\\_detail/137/2021](http://equoterapia.org.br/articles/index/article_detail/137/2021) Acesso em: Acesso em 17 de Set. de 2021.

AUTISMO O QUE É? DEFINIÇÃO E CAACTERÍSTICAS. **NEUROSABER**, 2015. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/autismo-o-que-e/>. Acesso em 14 Nov. 12/ 02/ 2021.

AUTISMO: COMO É A DIFICULDADE NO CONTATO VISUAL. **NEUROSABER**, 12/02/2021. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/autismo-como-e-a-dificuldade-no-contato-visual/>. Acesso em: 14 NOV. 2021.

COMO IDENTIFICAR OS PRIMEIROS SINAIS DE AUTISMO. **NEUROSABER**, 2020. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/como-identificar-os-primeiros-sinais-de-autismo/>. Acesso em: 17 Nov. 2021.

CHIEPPA, F. A relação homem-animal. Uccelli. 2002. Disponível em: <http://www.ao.com.br/pet.htm> Acessado em 17 de Set. 2020.

DSM-5 E O DIAGNÓSTICO NO TEA. **NEUROSABER**, 2020. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/dsm-5-e-o-diagnostico-no-tea/>. Acesso em: 17 de Nov. 2021.

GIMENES, Roberta; ANDRADE, Denise Emília de. Implantação de um projeto de equoterapia: uma visão do trabalho psicológico. 2004. Disponível em: <http://www.equoterapia.com.br/artigos/artigo-15.php> Acessado 16 de Set. 2021.

JANIRO. Ane Caroline. Equoterapia e Psicologia. Os ganhos da terapia com cavalos. 2015. Disponível em <https://psicologiaacessivel.net/2015/03/30/equoterapia-e-psicologia-os-ganhos-da-terapia-com-cavalos/>. Acessado em 17 de Mar. de 2021.

NOGUEIRA, Ariomar da Luz Filho, IDROBO, Gerardo Antonio Pizo. Métodos de Diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA), Uma Análise do Processo e a Correlação com a Engenharia. Faculdade do Gama -FGA,UNB -St. Leste Projeção A -Gama Leste, Brasília -DF, 72444-240,Brazil, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/ripe/article/view/13446>. Acesso em: 24 nov. 2021.

SILVA, Marcelise. OS BENEFÍCIOS ADQUIRIDOS COM A PRÁTICA DA EQUOTERAPIA SOBRE. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia ao Centro Universitário Vale do Iguaçu – Uniguaçu, União da Vitória-PR 2019.

TEIXEIRA, Janayna Mayara Póvoas. Breve histórico sobre o autismo infantil. Publicado em 2018. Disponível em: <https://cisescolar.com.br/artigos/brevehistoricosobreautismoinfantil/#:~:text=e%20principais%20cara>

cter%3%ADsticas.,Hist%3%B3ria%20do%20autismo,de%  
20um%20diagn%3%B3stico%20de%20Esquizofrenia.  
Acesso em: 24 nov. 2021.

## CAPÍTULO 5

### **O USO DE RECURSOS DIDÁTICOS NAS AULAS DE CIÊNCIAS EM TURMA DE 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE ESCOLA PÚBLICA**

THE USE OF TEACHING RESOURCES IN SCIENCE CLASSES  
IN THE 5th YEAR CLASS OF PUBLIC SCHOOL  
FUNDAMENTALS

## RESUMO

Este texto apresenta os resultados de uma pesquisa de especialização que tem como objeto o uso de materiais pedagógicos nas aulas de ciências na escola de ensino fundamental regular que atende setores populares. No âmbito de uma perspectiva sociológica do trabalho docente, procurou-se identificar as práticas pedagógicas levando em consideração o acesso aos recursos didáticos nas aulas de ciências. O campo de investigação é a escola pública municipal de ensino fundamental EMEB Professora Francisca Figueiredo de Arruda Martins, localizada em região da periferia de Cuiabá. Foram feitas observações durante as aulas de Ciências nas turmas de 5º ano. A base teórica estruturou-se a partir das contribuições de François Dubet, Maurice Tardif, Antônio Nóvoa e os trabalhos do campo da Didática de Vera Candau. Ao longo da investigação, pôde-se constatar que o uso de recursos didáticos é imprescindível para uma aula dinâmica, interativa, construtor de sentidos e catalisador do processo de aprendizagem dos jovens.

**Palavras- chave:** Recursos didáticos. Ensino Fundamental. Prática pedagógica. Professor.

## **ABSTRACT**

This text presents the results of a specialization research that has as its object the use of pedagogical materials in science classes in the regular elementary school that serves popular sectors. Within the scope of a sociological perspective of teaching work, we tried to identify the pedagogical practices taking into account the access to didactic resources in science classes. The field of investigation is the public elementary school EMEB Professor Francisca Figueiredo de Arruda Martins, located in the outskirts of Cuiabá. Observations were made during Science classes in the 5th grade classes. The theoretical basis was structured from the contributions of François Dubet, Maurice Tardif, Antônio Nóvoa and the work in the field of Didactics by Vera Candau. Throughout the investigation, it was possible to verify that the use of didactic resources is essential for a dynamic, interactive class, a builder of meanings and a catalyst for the learning process of young people.

**Keywords:** Didactic resources. Elementary Education. Pedagogical Practice. Teacher.

## 1. INTRODUÇÃO

A educação é um direito de todos e constitui a base de toda a formação humana. As ferramentas usadas durante o processo são de extrema importância para a construção do saber, e para a formação de cidadãos participativos e motivados. No nosso país encontram-se grandes dificuldades no ensino de ciências, principalmente quando se refere à Química e Física. Para tentar mudar esse quadro é necessário motivar nos alunos o interesse pela Ciência desde as séries iniciais do ensino fundamental. Desta forma torna-se imprescindível a utilização de recursos didáticos nas aulas, apresentando ao aluno uma atividade pedagógica com um componente de natureza lúdica que, sem dúvida, leva-o ao interesse e motivação pela aula. (PCN's, 2000). A justificativa deste trabalho se pauta na expectativa de observar, verificar como está ocorrendo à utilização de recursos didáticos e quais os principais desafios encontrados para se trabalhar com esses meios pedagógicos nas aulas de ciências do 5º ano do Ensino Fundamental na escola pública EMEB Professora Francisca Figueiredo de Arruda Martins de Cuiabá-MT, objetivando melhorar a relação professor aluno e conteúdo e, o processo ensino-aprendizagem.

Nas aulas em geral pode se utilizar diferentes recursos didáticos desde os materiais convencionais como giz, quadro-negro e livros didáticos, até os recursos tecnológicos mais atuais, como computadores com uso da internet, tabletes e lousa interativa. No caso do ensino de Ciências, pode-se englobar outros materiais como: banners, microscópio, materiais de laboratório, documentários, o corpo humano e o esqueleto feitos de materiais resinosos e coleções didáticas de animais e plantas.

O objetivo deste trabalho propõe uma abordagem investigativa a respeito da utilização de recursos didáticos nas aulas de ciências do 5º ano do Ensino Fundamental da escola municipal EMEB Professora Francisca Figueiredo de Arruda Martins, com a intenção de trazer contribuições para a prática docente.

A pesquisa qualitativa teve como público-alvo professores de Ciências do 5º do ensino fundamental da escola pública EMEB Professora Francisca Figueiredo de Arruda Martins de Cuiabá-MT. As entrevistas e posterior aplicação do instrumento de pesquisa (questionário) foram realizadas em Novembro de 2020. Foram pesquisados 02 professores efetivos pedagogos e no qual um também é licenciado em Ciências Naturais Físicas e Biológicas. Os

profissionais entrevistados foram abordados nos respectivos locais de trabalho, os dois responderam o questionário imediatamente. Neste instrumento de pesquisa (questionário) foram aplicadas sete (07) questões discursivas. Todas elas discorriam sobre a utilização de recursos didáticos nas aulas de ciências: se utilizam; quais critérios adotados na escolha; dificuldades no acesso a esses materiais; significados; interesse e receptividade do aluno. O procedimento foi realizado com autorização dos entrevistados, com a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, no qual declararam estar cientes sobre a finalidade do projeto e manteve-se o anonimato dos entrevistados ao longo do estudo. O questionário foi desenvolvido de acordo com uma classificação, em que os recursos de ensino foram divididos em três categorias: recursos pedagógicos, recursos naturais e recursos audiovisuais.

O aspecto qualitativo será enfatizado, porque se considera o “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (MINAYO 2001: 21) que se acredita interferir na prática pedagógica dos profissionais analisados.

## **2. O USO DE RECURSOS DIDÁTICOS NAS AULAS DE CIÊNCIAS EM TURMA DE 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE ESCOLA PÚBLICA**

Na literatura há similaridade na maneira como os autores conceituam recursos didáticos. Consideraremos recursos didáticos como os materiais disponíveis aos professores com finalidade pedagógica, utilizados para facilitar o trabalho docente em relação ao processo de ensino-aprendizagem, ajudando a atingir os objetivos propostos (ACERO; JAVIER; CASTRO, 2000; BANDEIRA, 2009; FISCARELLI, 2008; LIBÂNEO, 1994). Esses instrumentos promovem um elo entre o professor, aluno e conhecimento, que podem ser disponibilizados e acessados adequando aos objetivos propostos (BORGES, 2000).

Segundo Bizzo (2002), existe uma ampla gama de materiais disponíveis que o professor pode utilizar e que contribuem para a melhoria de seu trabalho, porém, o grande desafio é decidir quais são adequados à realidade dos alunos e como utilizá-los. Além disso, o tipo de material a ser utilizado dependerá da condição de oferta, finalidade da disciplina, público-alvo e da combinação das tecnologias (BANDEIRA, 2009). Não se pode esquecer que tudo isso depende da disponibilização desses materiais naquele ambiente escolar, pois sabemos que muitas vezes o principal

impasse é a falta de materiais pedagógicos para se trabalhar uma aula mais dinâmica e inspiradora.

Quanto os materiais impressos como livros didáticos paradidáticos e apostilas, Bandeira (2009), diz que mesmo com toda tecnologia existente, esses materiais continuam predominando no ambiente escolar, por inúmeras justificativas, entre elas, a dificuldade com o computador, falta de acesso à internet ou infraestrutura. Os autores Barganha e Garcia (2011) e Megid Neto e Fracalanza (2006) verificaram que o livro didático de Ciências acaba configurando a prática escolar, sendo utilizado como base para o planejamento anual; como um material de apoio para consulta bibliográfica tanto dos alunos como dos professores; ou como um guia de atividades nas aulas práticas de Ciências (LIMA; BELMAR; PERRELI, 2013).

De acordo com os PCN's (2000 p.11-12): As novas tecnologias da comunicação e da informação permeiam o cotidiano, independente do espaço físico, e criam necessidades de vida e convivência que precisam ser analisadas no espaço escolar. A televisão, o rádio, a informática, entre outras, fizeram com que os homens se aproximassem por imagens e sons de mundos antes inimagináveis. (...) Os sistemas tecnológicos, na sociedade contemporânea, fazem parte do mundo produtivo e da

prática social de todos os cidadãos, exercendo um poder de onipresença, uma vez que criam formas de organização e transformação de processos e procedimentos.

De acordo com a Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) o ensino na área científica não pode estar voltado apenas para o acúmulo de conhecimentos, mas tem que ter pretensões formativas. Para que isto seja alcançado, o aprendizado tem que partir de aspectos do cotidiano do aluno, o que irá gerar conhecimentos significativos para este estudante, além de garantir um melhor relacionamento professor-aluno. Os Parâmetros Curriculares Nacionais enfatizam que a contextualização sociocultural pode ser desenvolvida na área das Ciências da Natureza. De acordo com KRASILCHIK (2004) os objetivos do ensino de biologia, física ou química seriam: aprender conceitos básicos, analisar o processo de pesquisa científica e analisar as implicações sociais da ciência e da tecnologia. Segundo esta mesma autora "a ciências pode ser uma das disciplinas mais relevantes e merecedoras da atenção dos alunos, ou uma das disciplinas mais insignificantes e pouco atraentes, dependendo do que for ensinado e de como isso for feito".

Sabemos que o uso de recursos pedagógicos é relevante para o processo ensino aprendizagem nas aulas de ciências, diante dos materiais disponíveis, é natural notar a familiaridade e o alto acesso de aparelhos celulares em escolas não para fins de pesquisa acadêmica, mas para produzir vídeos e fotos, como também utilizar redes sociais para fins próprios. Entretanto, esse pode ser utilizado como ferramenta de aprendizagem, principalmente por entendermos que muitas das escolas públicas não disponibilizam de salas de informática equipadas com computadores com acesso a internet de banda larga.

BEHRENS (2000) discorre sobre o acesso à tecnologia:

Num mundo globalizado, que derruba barreiras de tempo e espaço, o acesso à tecnologia exige atitude crítica e inovadora, possibilitando o relacionamento com a sociedade como um todo. O desafio passa por criar e permitir uma nova ação docente na qual professor e alunos participam de um processo conjunto para aprender de forma significativa.

É muito frequente observar que a falta de recursos didáticos é uma queixa comum em escolas públicas e tendem a influenciar os professores em seu cotidiano e questões relativas à criatividade são frequentemente ressaltadas (FREIRE, 1997).

Para Souza (2007) o professor deve ter formação e competência para utilizar os recursos didáticos que estão ao seu alcance e muita criatividade, ou até mesmo construir juntamente com seus alunos, pois, ao manipular esses objetos o aluno tem a possibilidade de assimilar melhor o conteúdo. Os recursos didáticos não devem ser utilizados de qualquer jeito deve haver um planejamento por parte do professor, que deverá saber como utilizá-lo, para alcançar o objetivo proposto por sua disciplina. Percebe-se que a partir desta premissa é visível a necessidade da escolha e do uso adequado de recursos didáticos no ensino-aprendizagem. A utilização destes recursos não é uma atividade fim, mas meios para alcançar uma aprendizagem significativa.

Recursos didáticos são ferramentas que ajudam, e muito na aprendizagem, atuam como motivadoras e tem um papel de tornar mais dinâmica as aulas. Mas, ainda existem professores que demonstram dificuldades ao utiliza-los, falta experiência e prática. A insegurança dos professores no que tange o uso de recursos audiovisuais ou nos experimentos em sala de aula torna sua prática pouco inovadora. Para Kenski (2003), formam-se professores sem um conhecimento mais aprofundado sobre a utilização e manipulação

de tecnologias educacionais e esses se sentem inseguros para utilizá-las em sala de aula.

Devemos considerar como ideal um ensino usando diversos meios, um ensino no qual todos os meios deveriam ter oportunidade, desde os mais modestos até os mais elaborados: desde o quadro, os mapas e as transparências de retroprojeter até as antenas de satélite de televisão. Ali deveriam ter oportunidade também todas as linguagens: desde a palavra falada e escrita até as imagens e sons, passando pelas linguagens matemáticas, gestuais e simbólicas. (SANCHO, 2001, p. 136). Independente de qual recurso pedagógico, não se deve esquecer que a aula precisa ser antes pensada e planejada se adequando ao material didático que será utilizado e precisa ser trabalhado para fazer com que as aulas de Ciências sejam mais produtivas, interativas e que possam atingir o objetivo principal do ensino aprendizagem.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do instrumento de pesquisa (questionário), aplicado aos dois (02) professores

que ministram a disciplina Ciências, no 5º ano do Ensino Fundamental, será apresentado os resultados obtidos e depois os mesmos serão comparados à bibliografia.

Recursos didáticos são considerados instrumentos utilizados para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem, bem como para facilitar como alguns conteúdos são ministrados em sala de aula. Quando os professores foram questionados sobre quais recursos didáticos utiliza com mais frequência nas suas aulas, os mesmos responderam que preferem os recursos audiovisuais como televisão, data show, vídeos e ainda indicaram recursos pedagógicos como cartazes, revistas, impressos, maquetes etc. ou naturais como água, fogo, ar, rocha, grãos, plantas.

Independente da escolha, os recursos audiovisuais permitem a síntese entre imagem e som, gerando com isso as mais diversas sensações, possibilitando uma interessante forma de interação entre o conceito e o concreto (Lima, 2001). De acordo com Rosa (2000) os recursos audiovisuais podem desempenhar papel de motivação, demonstração, organizador prévios de conceitos, instrumento para a diferenciação progressiva, instrumento para reconciliação integrativa, instrumento de apoio a exposição do professor.

Também foi perguntado sobre quais critérios são utilizados na escolha dos recursos didáticos, os mesmos afirmaram que a definição dos critérios está relacionada com a qualidade e a adaptação com o conteúdo a ser desenvolvido, mas levando em consideração o principal critério que é a disponibilidade de recursos oferecidos pela escola, pois segundo os professores, muitos decidem investir em comprar aparelhos audiovisuais para ministrarem suas aulas por não haver material suficiente para a quantidade de turmas da escola.

De acordo com Cabero (p.281) é indispensável que o professor “reflita e decida sobre a qualidade técnica-estética e curricular dos materiais que lhe são apresentados, a sua adequação às características de seus alunos e a ideologia subjacente no mesmo”.

Ao serem questionados sobre qual o principal significado dos recursos didáticos no desenvolvimento das aulas de Ciências, na visão deles é observado como estimulador/ facilitador no processo de desenvolvimento do ensino-aprendizagem e aquisição do conhecimento. Eles também apontaram que a principal importância dos recursos didáticos está relacionada com a fixação dos conteúdos, em busca de uma melhor assimilação.

Segundo Karling (1991: 245), os recursos de ensino são recursos didáticos que o professor utiliza para auxiliar e facilitar a aprendizagem.

“O referencial teórico de análise dos dados recolhidos tanto da observação de aulas como do questionário aplicado aos professores no que concerne ao papel, à função e a importância dos recursos didáticos no processo ensino-aprendizagem, está relacionado com as novas concepções e teorias fundamentadas pelas Ciências da Educação”. Essas teorias e concepções são dialogadas por: Karling (1991), Vygotsky (1999), Zabala (2002), Piaget (2003), Moacir (2004) e outros, que sustentam uma nova postura do professor perante as novas tecnologias da educação, cujo uso dos recursos didáticos é fundamental para dar sentido e significado aos conhecimentos e saberes colocados à disposição dos alunos.

Sobre o uso de materiais didáticos pedagógicos (figuras e imagens, audiovisuais, cartazes, modelos, maquetes, gráficos, tabelas, documentários...), como é a receptividade por parte do aluno diante desses recursos, todos os dois professores entrevistados responderam que a receptividade por parte do aluno, é vista de forma positiva, pois causam maior dinamismo e interatividade nas aulas.

Observa-se que o objetivo deste artigo foi atingido, pois foram apresentadas e discutidas diversas questões como: os recursos utilizados com mais frequência, critérios adotados na escolha, receptividade por parte dos discentes a respeito da utilização dos recursos didáticos nas aulas de Ciências. Verifica-se, através das respostas dos professores, a importância do uso dos recursos de ensino, pelo aumento do interesse, participação e motivação dos alunos, a aprendizagem mais significativa e a aula produtiva e dinâmica, facilitando a problematização dos conteúdos. Entretanto, mesmo diante dos variados recursos didáticos que podem ser utilizados nas aulas de Ciências, a maioria dos professores continua presa às antigas estratégias metodológicas de aulas expositivas por um conhecimento básico que detém somente de exercícios para fixação do conteúdo e uso de livro didático (Santomé, 1998, p. 183). Essa realidade também pode ser observada na escola aqui retratada, sem contar que a escola apesar de possuir uma sala de aula destinada como laboratório de ciências, o mesmo não possui nem um equipamento científico e está sem uso no ambiente escolar, servindo para empilhar cadeiras.

Os resultados obtidos nesta pesquisa mostram a relevância do docente refletir sobre sua prática

pedagógica, e que o mesmo precisa ter um olhar criterioso para selecionar e utilizar os recursos didáticos adequados ao processo ensino aprendizagem dependendo de sua ação docente. Quando o professor utiliza um recurso pedagógico, acredita-se que o mesmo tenha planejado essa aula com antecedência e que se torne mais viável atingir o seu objetivo, despertando o interesse do aluno e aumentando sua participação.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, D. Materiais didáticos. Curitiba: IESDE Brasil S/A. 2009. Disponível em: . Acesso em: 15 abril 2016.

BARGANHA, D.E.; GARCIA, N.M.D. O papel e o uso do livro didático de Ciências nos Anos Finais do Ensino Fundamental. In: VII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS. Campinas, 2011. Anais...São Paulo: ENPEC, 2011.

BEHERENS, Marilda Aparecida, "Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente", em MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e mediação pedagógica, Campinas: Papirus, 2000.

BIZZO, N. Ciências Fácil ou difícil? São Paulo: Editora Ática, 2002.

BORGES, G.L.A. Formação de professores de Biologia, material didático e conhecimento escolar. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, 2000, p. 177-210.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais. Brasília: MEC/SEF,1997.

BRASIL. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais. (3º e 4º ciclos do ensino fundamental). Brasília: MEC, 1999201 Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencias.pdf>. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2000.

BUENO, Kely Cristina; FRANZOLIN, Fernanda. A utilização de recursos didáticos nas aulas de Ciências Naturais nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC – 3 a 6 de julho de 2017.

CABERO, J. C. Avaliar para melhorar: meios e materiais de ensino. In: SANCHO, J. María (Org.). Para uma tecnologia educacional. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. Campinas: Papirus, 2001. p 145-155.

CASTOLDI, R; POLINARSKI, C. A. A utilização de Recursos didático-pedagógicos na motivação da aprendizagem. In: II SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE CIENCIA E TECNOLOGIA. Ponta Grossa, PR, 2006.

FREIRE, P. Política e educação. São Paulo: Cortez, 1997.

KARLING, A. A. (1991), A didáctica necessária, São Paulo, Ibrasa, 1991.

KRASILCHIK, M. Prática de Ensino de Biologia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

LIBÂNEO, J.C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994, p. 138-173.

MINAYO, M. C. (Org.) Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia. Tradução Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sergio Lima

Silva. 24 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

SANTOS, Iris Moreira dos. Recursos Didáticos nas aulas de Ciências nas séries finais do Ensino Fundamental. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Ciências Naturais pela Universidade de Brasília Unb. Planaltina, 2014.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

## CAPÍTULO 6

### **DIFERENÇAS E PRECONCEITOS NAS SÉRIES INICIAIS**

### DIFFERENCES AND PREJUDICES IN THE INITIAL SERIES

## RESUMO

A escolha deste tema surgiu da necessidade de compreender e discutir as influências da escola, as séries iniciais, no processo de construção de conhecimento, proporcionar aos educadores reflexões, sobre como trabalhar as diferenças, preconceitos, valores, crenças, autoconhecimento e gênero. Para a construção dos capítulos teóricos, utilizarei autores que contribuíram de forma significativa para melhor compreensão do objeto de estudo. Desenvolver um trabalho coletivo em um ambiente escolar com crianças, despertando uma consciência a cerca do tema abordado, baseado na ética, moral, valores, que levem a fazer parte da vida social, pautada na solidariedade, respeito, autonomia, diálogo, amizade, justiça, afeto, tolerância, igualdade, convivência e adversidade entre os seres. Problematicando os diferentes pontos de vista, sendo tema ainda revestido de polêmica, apesar da aprovação da Lei nº 10.639/03, que torna obrigatório o ensino sobre a história e cultura afro-brasileira, e o Decreto nº 3.298, de dezembro de 1999, regulamenta a Lei nº 7.853, de outubro de 1989, que dispõe sobre Política Nacional para a Integração da Pessoa com Deficiência; A Lei nº 60/2009, que estabelece o regime de aplicação da Educação Sexual em meio escolar. Diante da multiplicidade de visões e valores, que possibilita a construção do respeito mútuo e a partir das relações pessoais, promoverem momentos que propiciem a elevação da autoestima e a construção positiva da identidade.

**Palavras-chave:** Moral. Ética. Autoestima.

## **ABSTRACT**

The choice of this theme arose from the need to understand and discuss the influences of the school, the initial grades, in the process of knowledge construction, providing educators with reflections on how to work with differences, prejudices, values, beliefs, self-knowledge and gender. For the construction of the theoretical chapters, I will use authors who contributed significantly to a better understanding of the object of study. Develop collective work in a school environment with children, raising awareness about the topic addressed, based on ethics, morals, values, which lead to being part of social life, based on solidarity, respect, autonomy, dialogue, friendship, justice, affection, tolerance, equality, coexistence and adversity among beings. Problematizing the different points of view, being a subject still covered with controversy, despite the approval of Law nº 10.639/03, which makes teaching about Afro-Brazilian history and culture mandatory, and Decree nº 3.298, of December 1999, regulates Law No. 7,853, of October 1989, which provides for the National Policy for the Integration of Persons with Disabilities; Law No. 60/2009, which establishes the regime for applying Sex Education in schools. Faced with the multiplicity of visions and values, which enable the construction of mutual respect and from personal relationships, promote moments that promote the elevation of self-esteem and the positive construction of identity.

**Keywords:** Morality. Ethic. Self-esteem.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema central as diferenças e preconceitos nas séries iniciais, assim proporcionar algumas reflexões sobre o processo de construção da autoestima das crianças afro-brasileiras, das diferenças entre pessoas, preconceitos e autoconhecimento.

Considerando que a escola é responsável pelo processo de socialização no qual se estabelecem relações com crianças de diferentes núcleos familiares, essa diversidade poderá fazer da escola o primeiro espaço de discriminações e preconceitos, possibilitando que a criança adote ou não, em alguns momentos uma postura de medo de ser rejeitada pelo seu grupo social.

Essa rejeição se torna perceptível com a observação das ações pedagógicas do cotidiano escolar, que leva a criança a não se reconhecer na sua própria identidade cultural, devido à ausência de conteúdos que problematize os diferentes pontos de vista.

Por tanto, foi necessário embasamentos teóricos que pudesse vir de encontro dos questionamentos apresentados no cotidiano de sala de aula. Tendo como subsídio a Lei 10.639/03, que

torna obrigatório o ensino sobre a história e cultura afro-brasileira, o decreto 3.298 de dezembro de 1999, que regulamenta a Lei nº 7.853, de outubro de 1989, que dispõe sobre a Política Nacional para Integração da Pessoa com Deficiência, e a Lei nº 60/2009, que estabelece o regime de aplicação da Educação Sexual em meio escolar, devido à multiplicidade de visões, crenças e valores, com objetivo de levar o educador a refletir sobre como ocorre o processo de autoestima dessas crianças nas séries iniciais.

O interesse pelo tema surgiu a partir da prática pedagógica, tanto como educadora, como estagiária do curso de Pedagogia, onde se observou algumas situações de preconceitos e discriminação em sala de aula, percebendo a não aceitação da criança “diferente” dos colegas, “normais”, deixando evidente que as crianças “diferentes” ainda se deparam com conflitos sociais pré-estabelecidos ideologicamente, como a ideia criada em torno de alguns padrões de beleza.

Serão abordados alguns tópicos pesquisados:

- Construção histórica do negro na sociedade;
- Trechos da história da Educação Especial;

Tendo como objetivo fundamental sistematizar atividades relacionadas ao seu desenvolvimento

social, físico, mental e atributos de gêneros que levam a formação de um sujeito crítico/ativo, na construção de sua própria história, para que possam entender o ser humano e suas relações, a valorização da essência do ser, onde as diferenças nos tornem únicos e especiais. O melhor caminho para se falar sobre diferenças e preconceitos, é o diálogo sem preconceitos, sem discriminação de cor, raça, crença e gênero.

## 1 - LEI 10.639/03 E O CURRÍCULO ESCOLAR

Segundo Augusto (2005, p32), o ano de 2003 foi marcado por um importante instrumento de luta, motivados pelos movimentos da consciência negra, no contexto do sistema educacional brasileiro foi sancionado a Lei nº 10.369/03, que torna obrigatório a inclusão da história e cultura dos afro-brasileiros nos currículos e programas do Ensino Fundamental e Médio, através da inclusão da história dos afro-descendentes brasileiros.

De acordo com Petronilha (2005), a principal finalidade de se incluir nos currículos escolares o estudo das africanidades brasileiras é o de garantir o direito aos afros-descendentes, assim como a todos os cidadãos brasileiros, a valorização de sua identidade cultural e social. O estabelecimento da lei foi um avanço no processo de democratização do ensino e na luta anti-racismo. Essa lei vem reconhecer a existência dos afro-brasileiros, seus ancestrais, sua trajetória na vida brasileira, na condição de sujeitos na construção da sociedade.

A Lei 10.369/03 que alterou as diretrizes e bases da educação nacional fixadas pela lei 9.394/02, foi um ganho político. Agora é preciso que se modifique o ensino aprendizagem para que venhamos a ter um resultado eficaz no processo

educativo, levando em conta que essa alteração precisa ser construída no dia-a-dia do fazer pedagógico, no interior das escolas, envolvendo aluno, professores, equipe gestora e comunidade escolar.

Um dos aspectos positivos da lei é o de ter aberto espaços para que o negro seja incluído nas propostas curriculares como sujeito histórico.

Segundo Lopes, a importância de se ter profissionais da educação devidamente preparados, para que possam fazer a releitura do currículo tendo como base a história e a cultura afro-brasileira, bem como elaborar novas propostas pedagógicas com fundamentos na nova lei, entre outros conhecimentos como sociológicos, antropológicos, religiosos, históricos e culturais que tratem da questão do negro. A autora afirma ainda que o currículo se realize no dia-a-dia e precisa ser alimentado pelas ações do professor, pois o conjunto de experiências pelas quais os alunos passam se agrega ao currículo oficial e ao currículo oculto, podendo também incluir a idéia de currículo cotidiano. Nesse sentido, o desafio do professor é manter em sua prática, princípios que devem orientar suas ações.

Segundo Petronilha (2005), os propósitos que se devem dedicar os currículos escolares, em todos os níveis de ensino seriam basicamente:

- Valorização igualmente das diversidades e das identidades brasileiras;
- Compreender e ensinar o respeito a todos os diferentes modos de ser, viver, conviver e pensar;
- Discutir relações étnicas no Brasil;
- Encontrar formas de repensar e refazer concepções relativas à população negra;
- Identificar e manusear fontes em que se encontram registros sobre a história dos afro-brasileiros;
- Permitir o aprendizado e o respeito sobre as expressões culturais negras que junto com outras compõem a história do nosso país;
- Situar histórica e socialmente as produções de origem africana propondo instrumentos para que sejam analisadas e valorizadas;

Para isso é necessário que os professores assumam mudanças como:

- Buscar conhecer as opiniões de seus alunos a respeito do estudado e ajudá-los, a compreender que as concepções a respeito dos fatos ou das pessoas resultam do que outras pessoas dizem, e também de nossas observações e estudos, lançando desafios para que os alunos ampliem e reformulem suas concepções;
- Cabe ainda ao professor, combater seus próprios preconceitos desejando superar a ignorância relativa à história e a cultura dos brasileiros descendentes de africanos e planejar seus trabalhos e atividades de forma que possibilite os alunos a reconstruir sua visão de mundo pela ação.

## **1.1- A CRIANÇA NEGRA NO CONTEXTO ESCOLAR**

Os dados apresentados indicam que as crianças negras deixam a escola cedo que as crianças brancas pertencentes à mesma condição social, o que dialoga mais uma vez com a baixa qualidade de oportunidades educacionais oferecidas às crianças e adolescentes negros. Cavalheiro (2003, p.63).

De acordo com Cavalheiro (2000, p12) foi possível comprovar a existência do racismo, do preconceito e da discriminação racial na sociedade brasileira em especial no cotidiano escolar. Essa discriminação acarreta nos indivíduos negros: auto rejeição, desenvolvimento de baixa autoestima com ausência do reconhecimento de capacidade pessoal, rejeição ao seu outro, timidez, pouca ou nenhuma participação em sala de aula, ausência do reconhecimento positivo de seu potencial racial, dificuldades no processo de ensino aprendizagem, recusa em ir à escola e conseqüentemente evasão escolar.

As dificuldades que a criança negra enfrenta no cotidiano escolar vão além das relações interpessoais, os materiais didáticos utilizados, muitas vezes apresentam as nossas crianças afrodescendentes como referências negativa, e as

pessoas brancas como referências positivas, é o caso dos livros que ilustram a história do Brasil mostrando o negro em desprestígio social, a literatura infantil que se utiliza de personagens que diminuem a figura da pessoa negra e coloca a pessoa branca como superior, reforçando mascaradamente o preconceito racial.

Muitas vezes no cotidiano escolar o professor passa despercebido por uma situação em que um aluno discrimina o outro, ou ainda não compreende em que momento a criança negra está sendo rotulada, prejudicada em função de uma atitude discriminatória. Há ainda o caso em que os professores ou qualquer outro profissional da escola calam-se diante de um preconceito ou comentário maldoso entre as crianças que por mais que possa parecer inofensivo, para a criança ofendida tem importante significado.

A escola é um espaço onde o educador pode observar de perto, mas a realidade é que na maioria dos casos o professor não percebe a presença desses preconceitos e pode acabar reforçando a transmissão dessas discriminações e estereótipo.

De acordo com Cavalheiro (2003) a indiferença e o silêncio diante do racismo e da discriminação racial nas diversas instituições educacionais podem contribuir para as diferenças de fenótipos

entre negros e brancos sejam entendidos como desigualdades naturais, o que acaba impedindo o desenvolvimento intelectual de muitas crianças brasileiras.

Esta pesquisa mostra que existe o preconceito racial no ambiente escolar, o que leva a discriminação dos alunos de cor negra e a própria negação do outro, o que muitas vezes resulta em exclusão, levando a prejudicar a qualidade das relações que se estabelecem entre alunos no espaço escolar.

## **1.2 - A CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA DA CRIANÇA NEGRA NAS SÉRIES INICIAIS**

A memória vem das experiências com a escola, igreja, expressões orais, piadas, músicas, anedotas, vaias, mantendo uma clara relação com o passado escravo vivido pela ancestralidade negra no Brasil.

Pinheiro levanta as seguintes questões: “Que orgulho a criança negra tem quando busca na memória a história de seu povo?”. (2005, p. 120) Qual é o papel do seu povo na história do Brasil? Como a família que coleciona a mesma história administra as inquietações ou o silêncio dessas crianças?

A criança negra deve ser vista como construtora da identidade brasileira assim como a

criança índia e a branca. Para a criança negra o ato de destaque de sua cor, raça e cultura estimulam a autoestima e ajuda a bloquear a interiorização do preconceito de que é vítima.

Somos seres que vivemos em um meio social, e buscamos ser aceito da forma igual. Em suas reflexões Vasconcelos (1999) acredita que o indivíduo "mentalmente sadio" necessariamente precisa da aceitação de suas características biológica.

Neste contexto, a criança negra se depara com uma aceitação conflituosa, por um lado à dificuldade de se aceitar, por outro a de ser aceita pela sociedade artificialmente enfraquecida. Encontra-se uma série de obstáculos como: palavras, representações e afetos que leva a criança negra a formular para si uma autoimagem compatível e as propriedades biológicas do seu corpo, e a conviver com desvalorização de sua identidade étnica.

Muitos desses fatores de desvalorização são expressos através de gracejos e frases que aparentemente inofensivas, deixam marcas impressas no subconsciente, pois procuram se esconder devido à desvalorização pessoal e a discriminação que enfrentam não só com palavras mais com gestos e ações.

### **1.3- A INCLUSÃO NAS SÉRIES INICIAIS**

A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção, o aluno com deficiência física, os que têm comprometimento mental, os superdotados, todas as minorias e a criança que é discriminada por qualquer outro motivo.

Inclusão é estar com o outro, é interagir com outro (Mantoam, 1998).

A educação inclusiva envolve o preparo das instituições para receber os alunos com necessidades especiais, revendo e reformulando currículos, adequando espaço físico, revendo metodologias e recursos didáticos.

O sucesso escolar contribui para valorizar o indivíduo aumentar sua autoestima, colaborando com a inclusão e aceitação na sociedade.

Durante séculos, os deficientes, viveram sob preconceitos à margem da sociedade. A história da educação especial no Brasil mostra toda uma evolução na conquista dos Direitos Humanos, hoje mais bem sintetizadas, porém nem sempre cumpridos.

Segundo Glat e Nogueira (2002), inúmeras barreiras impedem que a educação inclusiva se torne realidade no cotidiano das instituições de ensino, uma delas é o despreparo dos professores para receber alunos necessidades especiais.

A concepção da escola inclusiva deve reconhecer as diferenças humanas como normais e a aprendizagem cultuada nas potencialidades do sujeito, em vez de impor aos educandos rituais pedagógicos preestabelecidos.

Para tanto, com o intuito de alcançar tais objetivos, o Conselho Nacional de Educação aprovou a Portaria n.1793/94, que recomenda os cursos de formação de professores contemplem disciplina e conteúdos específicos sobre pessoa com deficiência (PCD). Portanto, para que o professor possa receber em sua sala de aula alunos PCD, é necessário que ele tenha algum curso de especialização na área de Educação Especial ou tenha realizado em seu serviço algum treinamento.

Contudo, podemos perceber que ainda há muito preconceito dentro da comunidade escolar, apesar do direito garantido por lei a inclusão no ensino regular. Uma das grandes dificuldades de incluir alunos com essas limitações deve-se a abordagem metodológica praticado nas escolas, que não leva em consideração a diversidade, dessa forma, todos devem aprender tudo no mesmo tempo, ritmo e caminho.

A perspectiva de inclusão é que todos tenham assegurados direitos de acesso e permanência ao ensino regular (Silva; Souza; Vidal, 2006), Aranha

(2000) destaca que a idéia de inclusão se fundamenta em uma filosofia que possa reconhecer e aceitar a diversidade na vida e na sociedade. Isto significa garantia de acesso de todos e todas, as oportunidades, independentemente da peculiaridade de cada individuo no grupo social.

A estrutura desse processo de integração é chamada "sistema de cascata", o que significa que todos seguem o mesmo fluxo das águas, e que se "deve favorecer o 'ambiente menos restritivo possível', oferecendo ao aluno, em todas as etapas de integração, a possibilidade de transitar no 'sistema', da classe regular ao ensino especial". (Mantoan, 1998, p 31, grifos do autor).

Na fase de integração, podem-se identificar duas formas de atendimentos: Classes especiais, que atendem os menos prejudicados ou comprometidos, e Escolas especiais, que atendem casos considerados de maior gravidade. A integração é um processo dinâmico, cujo objetivo principal é encontrar a melhor situação para que o aluno se desenvolva em sua potencialidade e que deve variar de acordo com a sua necessidade.

No decorrer do século XX avanços significativos foram conquistados, e hoje, no início do século XXI, vivemos a etapa do direito de ser diferente, de viver e conviver em

comunidade, sendo essa etapa chamada de Inclusão. O termo "Inclusão" é visto como uma evolução da proposta de integração. Na inclusão buscam-se a adaptação dos ambientes físicos e adequação dos procedimentos educativos com o propósito de atender à diversidade do aluno.

A Resolução do Conselho Nacional de Educação CNE/CEB 11/02/2001 abre possibilidades de assegurar uma educação inclusiva e com qualidade na escola de ensino regular e nas escolas de educação especial. No art. 3º (BRASIL, 2001) encontramos:

Por educação especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais organizados institucionalmente para apoiar, completamente e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educando que apresentem necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica.

Na verdade, o que se espera hoje è o foco no pedagógico, na inclusão, em que profissionais trabalhem com as capacidades e habilidades das pessoas portadoras de necessidades especiais. A sociedade deve ser aberta a todos e não deve segregar e apresentar barreiras a ninguém.

A educação inclusiva desloca o enfoque individual, centrado no aluno, para a escola, reconhecendo no seu interior a diversidade de diferenças individuais, físicas, culturais e sociais. A educação especial passa a ser compreendida e inserida na educação geral, na qual todos aprendam juntos convivendo com as diferenças.

No Brasil, a educação inclusiva está presente como política educacional no documento Política Nacional de Educação Especial, de 1994, e em outros trechos oficiais, promovidos pela Secretária de Educação Especial do MEC. Estes incluem a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), o Plano Decenal de Educação para Todos (MEC) e o Estatuto da Criança e do Adolescente, além de documentos produzidos em encontros internacionais, nos quais a educação especial foi tema de debate, como Declaração Mundial sobre Educação para Todos e a Declaração de Salamanca, que afirma a necessidade de inclusão do portador de necessidades especiais no sistema comum de ensino.

De acordo com documento do MEC intitulado Política Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência Física (BRASIL, 1999), o conceito de “escola inclusiva” aponta para uma nova

postura da escola regular, que propõe no projeto político-pedagógico, em seu currículo, metodologia, avaliação e estratégias de ensino, ou seja, ações efetivas em direção à inclusão social e práticas educativas diferenciadas para atender a todos os alunos. A grande questão que se apresenta com base nesse novo olhar para o diferente é que a escola precisa capacitar seus professores, preparar-se e buscar adaptar-se para esse fim.

A Constituição Federal, em seu art. 208, estabelece o direito de as pessoas com necessidades especiais receberem educação preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL, 1988).

A definição de inclusão social pressupõe a possibilidade de se pensar uma sociedade para todos, com respeito à diversidade e atendimento às necessidades das majorias e minorias. Assim, por meio da mediação desse processo, pode-se concretizar a chamada sociedade inclusiva.

Estudantes com deficiência: aprendem a gostar da diversidade; adquirem experiência direta com as várias capacidades humanas; demonstram melhor aprendizado através do trabalho em grupo, com outros deficientes ou não. (Jover, 1999, p.13)

Portanto, é possível concluir que a educação inclusiva tem por princípio a valorização da diversidade humana em seu múltiplo aspectos:

culturais, sensoriais, étnicos, físicos e mentais. A inclusão não deve ser vista como algo a ser conquistado, mas como direito de todos encontrarem as condições necessárias para seu desenvolvimento. (Mussi 2008).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a necessidade de ampliar e integrar o currículo escolar nas séries iniciais está além da Lei 10639/03, que torna obrigatório o ensino sobre a história e cultura afro-brasileira, o Decreto nº 3298, de Dezembro de 1999 que regulamenta a Lei nº7, 853, de Outubro de 1989, que dispõe sobre a Política Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, e a Lei nº 60/2009 que estabelece o regime de aplicação da Educação sexual em meio escolar, percebe-se que ainda não é suficiente, para acabar com preconceitos e discriminação das diferenças no interior da escola, tendo em vista que no interior da escola ainda há uma ausência muito significativa de ensinamentos a esse respeito.

É fundamental que o educador em sua prática pedagógica trabalhe com propostas educativas de interesse dos afro-descendentes, para combater os próprios preconceitos ou gestos de discriminação tão fortemente enraizados na personalidade dos brasileiros, tendo o desejo sincero de superar sua ignorância relativamente a história e à cultura deste povo.

É preciso olhar mais de perto as experiências escolares que essas crianças vivenciam, propondo situações de aprendizagem que estimulem o respeito

e a valorização, buscando favorecer o desenvolvimento da autoestima e autoimagem das crianças deste a educação infantil.

Portanto vivemos e convivemos com situações preconceituosas e discriminatórias, presenciamos essas ações, por momentos nos revoltamos, mas o quê como podemos interceder? Aceitar o que a sociedade dita como regras, apesar de conhecimento, ignora, porque é mais fácil fechar os olhos diante das rejeições para evitar polêmicas, discussões contra a maioria, acreditar que infelizmente não se pode fazer nada ou, acreditar que você pode contribuir para que você esta aqui e tem obrigação moral de buscar a cada dia mais conhecimentos, esclarecimento, discutir, debater, ter embasamentos teóricos para sugerir mudanças comportamentais, se cada um de nós levantarmos a bandeira da igualdade de oportunidades para todos, pode ser um processo lento que se arraste por muitos anos, mas pode ser um marco importante para mudanças futuras, onde poderemos olhar para trás e ver que conseguimos mais respeito, valorização, auto-estima de nossas crianças.

Nessa pesquisa foi possível observar as dificuldades que enfrentam essas crianças, diante dessas situações conclui-se que os objetivos se

tornam claros, buscar conhecimentos em cursos voltados para a temática, e propor executá-los na unidade escolar.

## REFERÊNCIAS

ENCANTARIA Maranhense: **Um encontro do negro, do índio e do branco na cultura afro-descendente** arq. Doc.

EDUCAÇÃO Anti-racista. **Caminhos abertos pela Lei Federal nº 10, 639/03- Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, SECAD, 2005

LOPES, Ana Lúcia. **Caminhos e Descaminhos da Inclusão: O Aluno Negro no Sistema Educacional**. Tese de doutoramento em Antropologia Social. USP. São Paulo, 2006

MULLER, Maria Lúcia R. **Trabalhando as Diferenças no Ensino Fundamental**. Cadernos Nepre – v.01 – Ed. UFMT – Cuiabá. Janeiro/2005

MUNANGA, Kabengle. **Superando o Racismo na Escola**. 2ª edição revisada- Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005

SILVA, Adelson Florentino, **Inclusão Escolar de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais, Deficiência Física**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Especial, 2006

## ÍNDICE REMISSIVO

ISBN



9786584809383